

DMA

**Revista das
Filhas de Maria Auxiliadora**



Entre signo e desígnio
11 / 12 – novembro/dezembro - 2007

DMA Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM
tel. 06/87.274.1
fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino

Colaboradoras:

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi - Piera Cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia Di Massimo – Dora Eystenstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Palma Lionetti - Anna Mariani – Cristina Merli – Marisa Montalbetti – Maria Helena Moreira – Concepción Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Loli Ruiz Perez – Rossella Raspanti – Manuela Robazza – Lucia M. Roces – Maria Rossi.

Tradutoras:

francês – Anne Marie Baud
japonês - inspetoria japonesa
inglês - Louise Passero
polonês - Janina Stankiewicz
português – Maria Aparecida Nunes Ferreira
espanhol - Amparo Contreras Alvarez
alemão - inspetoria austríaca e alemã

Edição extra-comercial:

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice - 00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81 – c.c.p. 47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 del 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96 – Filiale di Roma – n. 5/6 maggio-giugno 2007 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 Roma.

Sumário

Editorial	<i>Desejo de futuro</i>	4
Dossiê	<i>Entre signo e desígnio</i>	5
Maria	<i>Envolveu-o em faixas</i>	11
Fio de Ariadne	<i>A fadiga de decidir</i>	13
A Lâmpada	<i>O poema da esposa</i>	16
É vida	<i>A importância de saber escolher</i>	19
Mundo submerso	<i>Assim como no mercado</i>	21
Objetivo 2015	<i>Um empreendimento extraordinário: salvar o mundo!</i>	23
Mundo Jovem	<i>Desejo de futuro?</i>	25
Explora recursos	<i>Uma vida no limite</i>	28
Diálogo	<i>Maria, ícone do diálogo</i>	29
Periferias	<i>Crônicas a partir da base</i>	31
Vídeo	<i>Nativity</i>	33
Estante	<i>Resenha vídeos e livros</i>	35
Livro	<i>A missa do homem desarmado</i>	38
Camilla	<i>Discernir</i>	40

EDITORIAL

Desejo de futuro

Giuseppina Teruggi

Um sábio oriental afirmava: "Se eu tivesse por um momento a onipotência de Deus, o único milagre que faria seria o de devolver às palavras o sentido original". Na realidade, nota Tonino Bello, as palavras, hoje, tornaram-se *multiuso*. Com frequência, o mesmo termo tem significados diametralmente opostos.

Uma das palavras multiuso parece-me ser *futuro*. Se alguém de nós tem mais anos e mais experiência, pensa nos jovens como o futuro da sociedade, da igreja, da nossa família religiosa. Ficamos felizes ao encontrar jovens que se empenham com paixão em alguma coisa pela qual vale a pena dedicar tempo e esforço. Ficamos orgulhosos ao constatar que um bom número de jovens, em todas as partes do mundo, dizem o seu *sim* a Deus que os chama à vida de consagração. Sentimo-nos cheias de esperança porque existe futuro!

Eu fiz uma exclamação de alegria, encontrando algumas Irmãs jovens: "Vocês são o futuro do Instituto", disse com espontaneidade. Uma expressão talvez abusada e multiuso: percebi isso quando constatei o seu silêncio e um pouco de insatisfação. Para muitos jovens, o futuro não constitui mais a palavra mágica que colore os sonhos, os projetos, os ideais, em cada circunstância da vida. Muitos jovens olham para o futuro com temor, de modo confuso, indeterminado. Têm receio de não poder realizar os próprios projetos. Sentem-se envolvidos por uma incerteza que os coloca em dificuldade para decidir e para decidir-se por alguma coisa de concreto na vida.

Em muitas culturas, hoje, o dever comprometer-se *para sempre* constitui um dos maiores desafios. Tende-se a tergiversar, a deixar para depois. Chega-se também a retardar as escolhas a ponto de chegar tarde demais.

Esta problemática com frequência encontra sua raiz em adultos vítimas do desencanto, da subserviência, de uma *rotina* que enterra a utopia e sufoca o entusiasmo. São exatamente eles os indecisos e incapazes de oferecer às novas gerações os dons da confiança e da esperança.

Perguntamo-nos como pode uma jovem enfrentar com serenidade o matrimônio e a maternidade quando são publicadas opiniões que se condensam nas "Quarenta razões para não ter filhos", subtítulo do "No Kid" um livro recente, muito divulgado. Ou como pode uma jovem perceber o fascínio da vida religiosa quando se acentua uma campanha dos meios de comunicação de massa que ridiculariza ou torna as religiosas insignificantes.

Nós o sabemos: vivemos um tempo de grandes desafios e de grandes oportunidades. Tempo do Espírito que continua a agir na história. Acreditamos que os jovens têm desejo de futuro e que sabem também olhá-lo com esperança, com curiosidade, com vontade de empenhar-se para enchê-lo de sentido. Nós, que estamos ao lado deles e acreditamos neles, podemos tornar-nos companheiras em sua busca, muitas vezes incerta ou frustrada. Podemos ainda fazê-los sentir: "Aquilo que o teu coração espera é possível. Um futuro bom e belo é possível. Se queres eu te acompanho para que possas encontrar o teu caminho".

gteruggi@cgfma.org

DOSSIÊ

Entre signo e desígnio

Julia Arciniegas - Maria Antonia Chinello

Viver é escolher, em contínua tensão entre os sinais que se manifestam na caminhada e o desígnio definitivo que o projeto de Deus realiza sobre cada um. Importante é caminhar juntos, jovens e adultos, comunidades religiosas e leigos. O acompanhamento recíproco é a contínua tendência ao amor para que a vida seja felicidade plena e abundante. Para todos.

Entre 1000 possibilidades

Ser jovens hoje significa dever continuamente decidir entre várias possibilidades em todos os setores: onde ir com os amigos, em que faculdade inscrever-se, quando telefonar para encontrar uma pessoa... Então, não é verdade que os jovens não decidem. Cada escolha, porém, deixa um vago sentimento de inquietude e de insatisfação, porque o campo das oportunidades é variegado e vasto. O que preocupa é o enfraquecimento do sentido de futuro e a propensão a deixar-se conduzir pelo acaso e não por um projeto. A incerteza que fere a contemporaneidade prepara perdedores perante o amanhã e assim as próprias escolhas de compromisso "a longo prazo", se ressentem disso. Os jovens, mas também os adultos, hábeis para desembaraçar-se entre as oportunidades oferecidas pela vida "fora" e "dentro" da Rede, encontram grande dificuldade diante da orientação a ser dada à própria existência. E, com frequência, a questão é remetida para um amanhã nunca próximo. A "geração imóvel", como é definida numa pesquisa desenvolvida por alguns países europeus, parece não ter mais tempo para viver os ritos de "passagem" da juventude à idade adulta, porque tudo se apresenta rápido, impreciso, indefinido.

A vida: uma "colagem" ou um desígnio original?

"Este é o nó principal de toda a minha vida, agora, e não consigo desatá-lo: dificuldade para decidir, para escolher, para exprimir aquilo que quereria ser ou fazer. De minha parte, há como que um avanço e logo em seguida um retrocesso: falta-me o conhecimento daquilo que quereria fazer... Sinto-me bloqueado. E percebo que este é também um motivo pelo qual me deixo arrastar facilmente pelos outros..."

"Existem decisões muito grandes para mim, que comprometem toda uma vida e me sinto numa "dolorosa imobilidade" não sendo capaz de escolher nada. Assim caio num estado de apatia total: não sei mais sentir o prazer daquilo que faço, nem consigo mais desejar, querer e saborear a minha vida..."

São algumas expressões confidenciais dos jovens, que se encontram frente às possíveis e frequentemente não adiáveis escolhas da vida. Uma "colagem" de sofridas experiências, que exprimem a impotência, a raiva, a tristeza, a solidão que sempre acompanham a incapacidade de decisão. A escolha é uma passagem estreita no caminho da vida, que se

recente do ambiente social e cultural no qual está imersa; que reflete a confusão e o medo perante o amanhã.

Aprender a re-escolher

Estatísticas, cifras, experiências... não são suficientes para orientar uma escolha. A capacidade de tomar decisões acertadas é um processo que envolve a pessoa com seus conhecimentos, sua história, suas emoções, suas relações. Hoje é requerida uma nova coerência: a existência não é uma seqüência de acontecimentos casuais sem sentido ou sem um vínculo. Ocorre individualizar o fio vermelho que dá unidade à vida e que permite valorizá-la e vivê-la em plenitude.

No passado, feita uma escolha, era para sempre e não se punha em discussão: bastava apenas vivê-la a cada dia. Hoje existe coerência na medida em que se re-escolhe, adquirindo continuamente novas motivações para perseverar na escolha. Quem se fixa na decisão tomada precedentemente, corre o risco de ver ruir as próprias certezas sob o choque das contínuas mudanças e ajustamentos a que fica sujeita a existência. Quando desabam as referências nas quais se confiou, a decisão é colocada à prova. Quem busca novos estímulos e compreende ulteriores motivações, chega a ser coerente.

O Evangelho e o pacto

Em Loreto, no mês de setembro de 2007, o Papa encontrou-se com os jovens italianos e dialogou com eles, firmando um "pacto" para transformar o mundo com o Evangelho. Os jovens chegaram ao encontro demonstrando uma grande sensibilidade aos verdadeiros valores, sem retórica, na busca de respostas concretas. Diante dessas exigências de certezas, talvez sejam os adultos que estão mais em crise.

Nas palavras que o Papa dirigiu a eles, colhem-se as características que os educadores e educadoras, as comunidades eclesiais e religiosas deveriam demonstrar e, sobretudo, o dever educativo que lhes compete de caminhar com os jovens nos tempos atuais, não apenas para obter novas vocações, mas sobretudo para restituir significatividade à vida e à missão.

"Caros jovens – disse entre outras coisas Bento XVI – não tenhais medo de vos mostrardes diferentes e de serdes criticados por aquilo que pode parecer perda ou anacronismo: os vossos coetâneos, mas também os adultos, e especialmente aqueles que parecem estar longe da mentalidade e dos valores do Evangelho, têm uma profunda necessidade de ver alguém que ouse viver segundo a plenitude de humanidade manifestada por Jesus Cristo. Buscai um estilo de vida sóbrio e solidário, relações afetivas sinceras e puras, empenho honesto no estudo e no trabalho, interesse profundo pelo bem comum e a coragem da humildade. Caminhai com determinação e liberdade de espírito, comunicai a paz, sustentai os fracos, preparai os corações para a novidade de Cristo".

O Papa não bajulou os jovens, não se dirigiu a eles com expressões complacentes, mas os convidou a um trabalho comprometido, enviando-os à suas cidades a fim de construir centros nas periferias, trabalhar para que a experiência de sua fé gere relações, comunidades, grupos de amizade, centros de fé, de esperança, de amor, de sentido em favor da justiça, da ecologia, da legislação e da solidariedade.

Jovens contra a corrente, vigilantes, críticos. E nós, onde estamos?

«Provocai os adultos. Chamai-os às suas responsabilidades. Eles são os grandes ausentes em nossa vida. Testemunhai para eles a vossa fé», reforçou Dionigi Tettamanzi, Arcebispo de Milão.

É doloroso constatar que os adultos (ausentes?) muitas vezes somos nós e talvez as nossas comunidades, quando se encontram inconscientemente entrincheiradas em posições de defesa e de juízo com relação aos jovens; mais apegadas à lembrança dos tempos passados, do que abertas a novas aventuras de encontro; disponíveis a dar respostas, mas não a escutar as perguntas; prontas para cumprir urgências e prazos, mais que pacientemente comprometidas com caminhos de acompanhamento recíproco. Se não se inverte a rota, arrisca-se esquecer que a alegria é o tesouro da existência: «É viver em comunhão de coração – como afirma Jean Vanier – onde nos ajudamos reciprocamente a crescer em direção a uma maior liberdade. A vida flui de uma pessoa para a outra».

Uma “existência” com raízes remotas

João Bosco experimentou muitas vezes em sua vida, o fascínio, a ansiedade e as dúvidas sobre a “escolha vocacional”, em contraste com a firme certeza do “sonho” da infância. Não é por acaso que a tensão à escolha fundamental de vida, missão e profissão, tenha sido uma das questões mais fortes da sua pedagogia e da sua espiritualidade. Nas *Memórias do Oratório*, Dom Bosco dramatiza a dificuldade, as dúvidas e as ansiedades que acompanharam sua vocação. A decisão acontece segundo um processo “pedagógico”, que aconselhará sempre no futuro: reflexões, busca de conselho com pessoas sábias, oração intensa...

Também Maria Domingas Mazzarello, depois de um longo discernimento e de haver realizado uma radical escolha vocacional, que se desvela no seu itinerário biográfico, exerce tal papel em particular na formação das Irmãs e no discernimento vocacional. Absolutamente exemplar é o acontecimento de sua “crise” de identidade (1860-1872), a partir da qual foi impelida, uma vez que a superou, a viver de “um modo novo sua relação com Deus, intuído e conhecido sob uma nova luz”. Em rápida seqüência, temos: a doença, a prova, a purificação, a conversão, o abandono confiante em Deus, a mudança de atividade: de camponesa a costureira - mas sempre com o objetivo educativo e pastoral - o afastamento do grupo, o isolamento, o encontro com Dom Bosco, um novo horizonte: o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

O Projeto Formativo do Instituto lembra que “existe um íntimo e indissolúvel vínculo entre o empenho de formação permanente e a missão educativa. À medida em que vivemos em Cristo, com e para os jovens, realizamos a nossa vocação salesiana e nos tornamos por nossa vez *guias e educadoras de outras vocações*. No cotidiano enxerta-se a *proposta vocacional*, que abre um leque de possibilidades em que os jovens são chamados a investir seus recursos escolhendo a direção a ser dada à própria vida segundo o projeto de Deus. Apelar para um *itinerário de maturação vocacional* não implica uma orientação específica e exclusiva para a vida consagrada entre as FMA [...]” (PF, 81).

Enquanto estás a caminho

“O amor aos jovens nos levou a auscultar a sua realidade, a rever as nossas práticas pastorais e a buscar o nosso estilo de acompanhamento nas fontes do carisma”. Assim se inicia a apresentação do subsídio ***Enquanto estás a caminho***, elaborado pela Equipe de pastoral juvenil do Cone Sul da América Latina, SEPSUR. Trata-se de um material que SDB e FMA das inspetorias da Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, colocam à disposição de

todos os que cultivam a mesma paixão educativa e se entregaram a Deus pela vida dos jovens.

“Oferecemos a nossa contribuição a ti – prossegue o documento – que *enquanto estás a caminho* te fazes companheiro/a de viagem dos jovens e sinal do amor que Deus tem por eles; a ti que, *enquanto estás a caminho*, fazes a experiência de pertencer a uma comunidade que abre de par em par as portas às necessidades dos jovens e lhes dá respostas concretas com a própria vida; a ti, que *enquanto estás a caminho* sentes também a necessidade de ser acompanhado/a pelos teus irmãos e pelas tuas irmãs e, a partir desta experiência, te tornas acompanhante dos/das jovens”.

São palavras que exprimem uma preocupação também presente no coração de tantas FMA, que percebem a urgência de agilizar processos de acompanhamento vocacional para os jovens e as jovens em todos os contextos do mundo. Cuidar deles implica, de fato, ajudá-los a descobrir o projeto de Deus na própria vida e a realizá-lo como condição de felicidade e caminho de santidade na trama do cotidiano.

Esta convicção, bem evidenciada pelos últimos documentos do Instituto, aprofunda suas raízes no próprio coração de Deus, fonte da vida. É Ele que chama à existência e dá a cada um a possibilidade de crescer segundo características próprias, recebidas como dom. Cada vida é por isso vocação e cada vocação encontra em Deus significado e realização. Originada do amor, a vida se torna por sua vez um chamado a amar, a realizar-se plenamente no amor. No dom total de si (cf PF, 83).

... te fazes companheiro/a de viagem

A dimensão vocacional requer de nós a disponibilidade de colocar-nos ao lado dos jovens e das jovens e de fazer-nos companheiras de caminhada, como Jesus no caminho de Emaús. Ele nos ensina a arte de ir ao encontro, escutar histórias de vida com as esperanças e as tristezas que encerram, fazer perguntas que ajudem a descer em profundidade na existência, narrar, fazer memória. Nas pegadas do viandante Jesus, também nós aprendemos a criar aquela autêntica relação educativa que exclui toda dependência e conjuga a *amorevolezza* com as exigências de um caminho assinalado por tempos e espaços programados, pela clareza a respeito da finalidade a ser atingida, pelo aprofundamento das motivações, pela paciência e respeito aos ritmos individuais.

Somente quem parte o pão da própria vida e o compartilha pode fazer-se companheira/o de viagem e chegar a revelar a presença de Quem desde sempre nos busca para saciar a nossa sede de felicidade e convidar-nos a trabalhar na sua vinha.

... numa comunidade que escancara as portas

Acompanhar significa, então, *compartilhar* o pão da fé, da experiência de Deus, do esforço da busca. Quando os membros da comunidade educativa testemunham a própria escolha, ou melhor, o ter sido escolhidos por Deus, a novidade, o risco, a alegria do caminho cotidiano de resposta à vocação, os/as jovens se sentem encorajados, quase por *contágio*, a encontrar o próprio caminho. Eles têm sede de *água viva* e somente uma comunidade que vive com transparência as relações cotidianas será capaz de conduzi-los à fonte do amor de Deus.

O acompanhamento, de fato, pressupõe que as comunidades sejam unidas, “tenham um só coração e uma só alma” (cf At 4, 32) e estejam dispostas a escancarar as portas para testemunhar o amor e a alegria que constituem o fascínio da vida consagrada e a tornam sinal credível e eficaz para os/as jovens em busca.

... sentes também a necessidade de ser acompanhado/a

A pertença a uma comunidade leva a experimentar a riqueza e a fadiga de pôr em comum o que se tem, mas sobretudo o que se é. Esta partilha implica a capacidade e a liberdade de doar-se com sinceridade ao outro, aos outros, com a certeza de poder atingir a finalidade para a qual se é chamado somente graças à contribuição e à presença de todos os membros da comunidade. A partir desta perspectiva, o dom total de si requer a disponibilidade de assumir também em primeira pessoa o outro com suas riquezas e suas fraquezas. Instaura-se assim um acompanhamento recíproco, um processo de crescimento comum em direção a um mesmo objetivo: a plena realização do desígnio de Deus sobre a própria vida. A experiência de cuidar reciprocamente umas das outras torna-se a condição que facilita o acompanhamento dos/das jovens que encontramos em nosso caminho ou que nos pedem de empreendê-lo juntos.

O coração mais belo do mundo

«Era uma vez um jovem que estava no meio de uma praça cheia de gente: dizia ter o coração mais belo do mundo, ou pelo menos, daquela região. Todos o admiravam: era deveras perfeito, sem o mínimo defeito. Todos concordavam em admitir que aquele era realmente o coração mais belo e quanto mais repetiam, mais o jovem se orgulhava e se gabava do seu coração maravilhoso.

De repente surgiu do nada um ancião. “Bem – disse – para dizer a verdade, o teu coração é muito menos belo que o meu”. Quando o mostrou, atraiu o olhar de todos: o da multidão e o do jovem. É verdade que aquele coração batia forte, mas estava recoberto de cicatrizes. Havia zonas das quais tinham sido extraídos pedaços e substituídos por outros, que não se encaixavam bem – assim o coração estava todo verrugoso. Além disso, apresentava grandes buracos. A platéia observava o ancião, com perplexidade.

O jovem desatou a rir: “Estás brincando! – disse – Compara o teu coração com o meu: o meu é perfeito, o teu é remendado”. “É verdade”, admite o ancião. “O teu tem um aspecto absolutamente perfeito, mas não o troco pelo meu. Cada ferida representa uma pessoa à qual doei o meu amor: tirei um pedaço do meu coração e lhe dei; muitas vezes recebi em troca um pedaço do coração dela, que preencheu o vazio deixado no meu. Mas, é verdade, aquilo que dás não é jamais exatamente igual ao que recibes e assim tenho algumas protuberâncias, às quais, porém, sou apegado: cada uma delas me lembra o amor que compartilhei. Outras vezes, ao invés, dei pedaços do meu coração a pessoas que não me corresponderam: isto te explica os buracos. Amar é arriscado, certamente, mas por mais dolorosas que sejam estas fendas, lembram-me sempre o amor que experimento por estas pessoas... e quem sabe? Talvez um dia retornarão, quem me dera, e preencherão o espaço que reservei para elas”.

O jovem ficou mudo e lágrimas copiosas rolaram-lhe pelas faces. Tomou um pedaço do próprio coração, foi ao encontro do ancião e lho ofereceu com mãos trêmulas. O ancião aceitou-o, colocou-o no seu coração, em seguida pegou um pedaço do seu coração remendado e com ele preencheu a ferida aberta no coração do jovem. Entrava, mas não se encaixava perfeitamente, fazia uma pequena verruga. O jovem viu que o seu coração

não era mais “o coração mais belo do mundo”, no entanto o considerava mais maravilhoso que nunca: porque o amor do ancião agora fluía dentro dele».

É este o augúrio que nos dirigimos como comunidades já a caminho do Capítulo Geral XXII: que o nosso amor possa fluir e alcançar os jovens que estão ao nosso lado, como fonte de água viva para chamá-los à felicidade plena e abundante. Podemos acolher, ao nosso redor, o amor que nos é dado para que “o que quer que aconteça, dele aprendo. Cada vez é um ganho” (Marguerite Yourcenar).

j.arciniegas@cgfma.org
mac@cgfma.org

“A meta à qual deve tender nossa ação pastoral é a de educar as jovens para discernir o plano de Deus sobre a própria vida e assumi-lo como uma missão” (C 72).

“Um acompanhamento eficaz não pode prescindir de uma comunidade cristã de referência que se apresente como ícone das diversas vocações na Igreja.

A comunidade educativa é chamada a oferecer um ambiente no qual sejam visíveis e credíveis as diversas propostas vocacionais, mas também, a configurar-se como laboratório no qual as diversas vocações possam encontrar o terreno propício para desenvolver-se e integrar-se reciprocamente” (LM, 112).

Bibliografia:

Centro Internacional Vocacional Rogate (aos cuidados de), *Dizionario di Pastorale Vocazionale*. Roma, Rogate 2002.

Todos Uno. Revista de pastoral vocacional do Secretariado de Vocações da CONFER (Conferência dos religiosos da Espanha).

Meloni Elio, *Accompagnare la formazione. Il sé, gli altri, l'Altro*. Bolonha, EDB 2005.

Perguntas para a partilha comunitária

Como ajudar os jovens, as educadoras e os educadores que trabalham com eles, a não se deixarem vencer pela incerteza?

Como tranquilizar e dizer que “escolher é um caminho possível, que pode ser percorrido” e que só aceitando viver resistências e medos, tão típicos do coração humano, encontram-se serenidade e paz interior?

Como outorgar a sabedoria que leva a ler e a colher nos acontecimentos o fio vermelho da própria vida e da vida dos outros?

MARIA

«Envolveu-o em faixas»

Maria, testemunha da “kénosi” (humilhação) de Deus

*Aristide Serra**

Aproxima-se o Santo Natal. Em Belém, Maria «... deu à luz o seu primogênito, *envolveu-o em faixas* e o colocou numa manjedoura» (Lc 2, 7). Envolver um recém-nascido em faixas era um hábito muito comum. Na cultura grega, por exemplo, é atestado desde o século VII-VI a. C. E assim fez também Maria. O anjo, todavia, oferece como “sinal” aos pastores aquele envolvimento em faixas: «Para vós este é o sinal: encontrareis um menino envolto em faixas, numa manjedoura» (Lc 2, 12). Há então um “sinal”, ou seja uma mensagem, um ensinamento a ser descoberto naquelas fraldas. Mas qual? A tradição viva da Igreja – documentada nos escritos dos Padres, dos teólogos, da liturgia, das artes figurativas – reconheceu simbolismos muito variados no Menino de Belém, recoberto de faixas. Eis alguns deles, sugeridos pelo conteúdo literal do texto de Lucas.

Uma “glória” que se amanta de “pobreza”

A tradição da Igreja revela-se precisa ao perceber o contraste entre Lc 2, 9 e Lc 2, 12. No v. 9 o evangelista escreve: «Um anjo do Senhor apresentou-se a eles [os pastores], e *a glória do Senhor os envolveu de luz*». No v. 12 lemos, ao invés, que o anjo disse aos pastores: «Achareis *um menino envolto em faixas*». Nota-se facilmente a diferença entre as duas descrições. De um lado está, de fato, a glória do Senhor que “envolve” os pastores, inundando-os de luz intensa. De outro, ao contrário, está o Menino “envolvido” em faixas. Tenha-se presente que na teologia de Lucas a “glória do Senhor” está exatamente ligada à glorificação pascal que o Pai confere a Jesus (Lc 9, 26.31.32; 21, 27; 24, 26; At 7,55; 22, 6.11). Isto significa que o Menino de Belém é de natureza divina. É o «Salvador-Cristo-Senhor» (Lc 2, 11): três títulos que a Catequese de Lucas nos Atos reserva ao Cristo Ressuscitado (At 2, 36; 5, 31; 13, 23).

A mensagem, então, é evidente. O que transparece externamente desta natureza gloriosa do Menino? Nada! Agora que ele nasceu para nós e para todo o povo (Lc 2, 10. 11), torna-se participante da nossa condição de vida. Nem “glória” nem “esplendor” brilham em torno dele. Se, como Deus, ele se reveste de luz (cf. Sl 104, 2), agora, como filho do homem, é recoberto de fraldas, como qualquer outra criança: frágil, indefesa. A “glória de Deus”, que compete ao Unigênito do Pai (cf. Jo 1, 14), é ocultada pelo véu de sua humanidade, sujeita também ela à pequenez, ao limite, às angústias deste mundo.

Um Deus encaminhado para a sepultura

A reflexão cristã, testemunhada visivelmente também pela iconografia, constantemente tem posto em relevo o sugestivo paralelismo que há entre Lc 2, 7 e Lc 23, 53. De um lado vemos Maria que “Deu à luz o seu filho primogênito, *envolveu-o em faixas e o colocou numa manjedoura*» (Lc 2, 7). Do outro, vemos José de Arimatéia quando «Desceu [o corpo de Jesus] da cruz, *envolveu-o num lençol e o colocou num sepulcro*». Daqui nasce a conexão persistente, no pensamento cristão, entre as “faixas” de Maria e os “lençóis funerários” de José de Arimatéia; entre a “manjedoura” e o “sepulcro”. É correta a lição

que daí deriva: o Messias de Deus, uma vez que se reveste da condição humana, assume também a morte, e aquela morte! Tendo vindo para ficar “entre os seus” (Jo 1, 11), vem ao nosso mundo também para morrer. É este o lamento que Jesus vai expressar na iminência da paixão: «Agora a minha alma está perturbada; e que devo dizer? Pai, salva-me desta hora? Mas é para isto que cheguei a esta hora» (Jo 12, 27).

Lucas se refere de outro modo ao que Paulo havia professado no célebre hino da carta aos Filipenses (2, 5-8): «Cristo Jesus mesmo sendo de condição divina, não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente; mas esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens; manifestado em *forma humana*, humilhou-se, fazendo-se obediente até a *morte e morte de cruz*».

Um Deus-Menino, cercado dos cuidados amorosos de Maria e José

As fraldas com que Maria reveste o seu pequeno depois de tê-lo dado à luz indicam também os cuidados maternos que prestou a Jesus, juntamente com José seu esposo, para que pudesse crescer e chegar à maturidade humana. Um indício em favor desta leitura do “sinal” de Belém poderemos deduzir da diferença que há entre o v. 12 e o v. 16 do capítulo segundo de Lucas.

Em primeiro lugar o v. 12. O Anjo indica aos pastores o sinal, dizendo: «Achareis um Menino, *envolto em faixas*, deitado numa manjedoura». Depois, o v. 16, onde Lucas escreve que os pastores «... encontraram *Maria e José* e o Menino deitado na manjedoura». A diferença entre os dois versículos está no seguinte. No v. 12 o sinal anunciado compõe-se de três elementos: o Menino, *as faixas*, a manjedoura; no v. 16, ao invés, a avaliação do sinal menciona os seguintes elementos: *Maria e José*, o Menino, a manjedoura. Noutras palavras, dos três elementos especificados no v. 12 (o Menino, as faixas, a manjedoura), somente dois reaparecem no v. 16, isto é, o Menino e a manjedoura. *As faixas* não são lembradas; no seu lugar Lucas introduz os nomes de *Maria e José*. Por ventura é casual esta substituição? Direi que não. E eis o provável motivo.

Baseando-se em três passagens do Antigo Testamento (precisamente Sb 7, 4; Jó 38, 8-9 e Ez 16, 4), deduz-se que um menino envolto em faixas desde o nascimento não é um enjeitado, um abandonado; é, ao invés, um infante protegido com terna afeição por pessoas íntimas que se preocupam com ele, particularmente a mãe.

O autor do livro da Sabedoria faz o antigo rei Salomão dizer: «Também eu apenas nascido... fui *nutrido, envolto em faixas e cercado de cuidados*» (Sb 7, 4).

O poema de Jó, por sua vez, apresenta o Criador como uma parturiente que dá à luz sua criança, isto é o mar. A esta sua recém-nascida criatura (o mar), ele é pródigo em cuidados maternos *envolvendo-a com nuvens e névoas*, como se fossem faixas (Jó 38, 8-9).

Em termos poéticos, o profeta Ezequiel lembra a Israel a humildade das suas origens e a ternura materna de Deus para com ele. Testemunha o profeta em nome do Senhor (Ez 16, 4-5): «Por ocasião do teu nascimento, ao vires ao mundo, não cortaram o teu cordão umbilical, não foste lavado com água para a tua purificação; não foste esfregado com sal, *nem foste envolto em faixas*. Nenhum olhar de piedade pousou sobre ti...». Entre tanta desolação, Deus pousou o seu olhar sobre ele e teve compaixão: «Ao passar junto de ti eu te vi enquanto te debatias no teu próprio sangue e te disse: “Vive!” Fiz com que crescesses como a erva do campo» (Ez 16, 6-7).

À luz destas promessas, perfila-se uma razoável hipótese sobre o motivo pelo qual Lucas no lugar das “faixas”, citadas no v. 12, coloca os nomes de “Maria e José” no v. 16. Aquelas “faixas”, na linguagem simbólica do evangelista, são o sinal tangível de todos os

cuidados que Maria ofereceu a Jesus, juntamente com José seu esposo e pai legal do Menino. (Lc 1, 27; 2, 4; 3, 23; 4, 22). Graças aos cuidados maternos de Maria, aos quais se uniram os paternos de José, o “Filho do Altíssimo” (Lc 1, 32) pôde desenvolver-se e atingir a plenitude de sua maturidade como “filho do homem”. O ministério de Maria e José, por assim dizer, “envolvia” Jesus, “cercava-o” de assistência zelosa, de modo que ele «crescia em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 52). Temos aqui um motivo precioso para as modernas ciências da educação!

Um autor medieval do século XII, Ruperto di Deutz (+ 1130), intuía com muita lucidez a gravidez simbólica das “faixas” com as quais Maria cobrira Jesus assim que nasceu. Para comentar o passo do Cântico dos Cânticos onde o esposo diz à esposa: «O perfume das tuas *vestes* é como o perfume do Líbano» (Ct 4, 11), Ruperto imagina que Jesus se dirige à Mãe com estas palavras: «O que direi dos panos com os quais me envolveste e me deitaste na manjedoura? ... Aqueles panos... foram as primícias de todas as vestes, isto é, das boas obras que, com amor materno e mais que materno, tu terias realizado relativamente a mim... Tu, de fato, mãe e virgem fiel, sendo eu o teu pequeno, um pequeno homem, me serviste em tudo como a Deus».

** docente de Exegese Bíblica na Pontifícia Faculdade Teológica “Marianum” – Roma*

FIO DE ARIADNE

A fadiga de decidir

Maria Rossi

No curso da vida, ou mais cedo ou mais tarde, todos se encontram frente a escolhas importantes e são chamados a decidir onde quer que estejam. O processo de decisão não é espontâneo. Ele pressupõe uma reflexão e uma consideração a respeito das possíveis conseqüências da escolha a ser efetuada. As preferências orientam-se, normalmente, para aquelas alternativas que, segundo a previsão, correspondem aos valores vividos e satisfazem as aspirações profundas, causando maior prazer e utilidade. As decisões comportam uma margem mais ou menos ampla de imprevisibilidade e a perda de outras possibilidades pelo que, sobretudo quando dizem respeito a escolhas vitais, criam tensão e ansiedade. Não é raro que, antes de uma decisão importante, tenha-se uma noite de insônia.

Segundo o modo e a capacidade de enfrentar as situações que requerem uma escolha, as pessoas se sentem e se definem *decididas*, *indecisas* ou no meio termo.

Ser decididas/os, isto é, intuir e discernir com uma certa desenvoltura e determinação a orientação a ser seguida, a situação ou a coisa a ser escolhida, constitui um traço positivo da personalidade, geralmente mais pronunciado nas/nos líderes. Ser suficientemente decididas/os é considerado *normal* dado que a maioria das pessoas o são sem empregar uma vida para pensar o que fazer quando for grande ou que sapatos comprar. Ser hesitantes ou indecisas/os, isto é, levar muito tempo para escolher coisas também de

pouca monta, é considerado um traço negativo, alguma carência na personalidade. E, às vezes, o é.

Atualmente, sobretudo no Ocidente, perante as grandes escolhas vocacionais e profissionais, parece que a maioria das/dos jovens seja indecisa e que o adiamento das escolhas esteja se tornando uma normalidade. A situação é geralmente atribuída à fragilidade das novas gerações, ao medo de assumir responsabilidades, à dificuldade de elaborar um projeto de vida pessoal frente às múltiplas possibilidades que se apresentam, ao despreparo para o trabalho e para o sacrifício. Esta leitura dos dados é bastante realística, mas talvez incompleta. Há também outros motivos.

As grandes escolhas no passado e no presente

As escolhas vitais que criam maior ansiedade e diante das quais a decisão se torna muitas vezes angustiante, são sobretudo o matrimônio, a vida consagrada e também a profissional.

Um tempo não era assim. Até os anos Setecentos aproximadamente, em muitos Países, tais escolhas eram feitas pelo chefe da família. Era o pai que, baseando-se no patrimônio familiar e nos interesses políticos, decidia quais filhas e quais filhos deviam casar-se, com quem e quais deviam se fazer clérigos ou monges. Ficar na família era considerado pouco edificante. As moças que não podiam se casar, nem tornar-se monjas passavam a ser chamadas com o termo pejorativo de *solteironas* ou *beatas* e os rapazes com o termo, também pejorativo, de *solteiros*.

A vida profissional também, quase sempre já estava decidida: o filho do agricultor aprendia e se tornava agricultor e o filho do farmacêutico, farmacêutico. Nesses âmbitos, faltando a possibilidade de escolher, não existiam indecisões e indecisos.

Atualmente a perspectiva de vida prolongou-se e o horizonte das possibilidades ampliou-se muito. As escolhas de vida, além de serem mais livres, são também mais variadas.

A família. Além da forma tradicional fundada sobre o matrimônio, existem outras formas, às vezes escolhidas, às vezes vividas como uma necessidade mais tolerada que aceita, para remediar uma situação. Se alguém escolhe viver sozinha/o ou se encontra em tal situação, pode fazê-lo sem ser rotulada/o com termos pejorativos. Antes, o ser e o definir-se *singular*, hoje, não cria problema.

A vida consagrada. Até os anos Seiscentos era reconhecida apenas a forma monástica de clausura. Mary Ward, falecida em 1645 e mencionada por João Paulo II na *Mulieris dignitatem* entre as mulheres excelentes, foi detida em Mônaco de Baviera pelo Santo Ofício, porque queria fundar um instituto de religiosas ativas seguindo o modelo da Companhia de Jesus. Foi reabilitada somente em 1907. Hoje, além da variedade das formas tradicionais de clausura e de vida ativa, surgem, dando continuidade, as formas laicais, ligadas às Dioceses, com pequenas dimensões, maior flexibilidade e, às vezes, com duração e estabilidade incertas.

A profissão. Também com relação à escolha profissional, as barreiras quase zeraram. A filha ou o filho de um simples operário, se tiver capacidade, habilidade, interesse e força de vontade poderá aspirar também às profissões mais prestigiosas.

O leque de possibilidades amplia o espaço da liberdade de escolha, mas não facilita o processo de decisão, antes o torna mais dificultoso. Para escolher é preciso conhecer e para conhecer também sumariamente uma realidade complexa, é preciso tempo. E, depois de haver conhecido, discernir que percurso escolher e quais deixar para trás, dentre os múltiplos possíveis e atraentes, pode se tornar problemático e angustiante. Neste caso, ser hesitantes e retardar a decisão pode ser não uma anomalia, mas uma medida de prudência.

Algumas atenções educativas

Quem trabalha no âmbito educativo geralmente encontra adolescentes, jovens e famílias às voltas com problemas de orientação profissional e vocacional. É uma questão que não diz respeito apenas aos peritos e às/aos jovens dos 17-18 anos ou mais. Sendo uma etapa tão importante da vida, deveria estar presente ao longo de todo o percurso de crescimento, em todo o pessoal empenhado na educação. Quem tem experiência educativa sabe que as escolhas vitais não se improvisam, nem podem ser conduzidas como a publicidade conduz o consumo. As intervenções devem ser suaves, prudentes, respeitosas e adequadas à idade.

Algumas indicações a respeito poderiam ser úteis.

- Para ajudar as/os jovens que buscam orientação no seu processo decisório, é necessário colocar-se no atual contexto social, pôr-se do ponto de vista deles, vê-los no seu ambiente familiar, nacional, cultural, religioso, étnico e guiá-los na descoberta de suas próprias capacidades, habilidades e aspirações profundas e também dos próprios limites e das eventuais contra-indicações.
- Além do conhecimento de si, é de grande valia para as/os jovens conhecer os possíveis percursos formativos, o mercado profissional e também as necessidades da sociedade atual e as Instituições que buscam dar respostas positivas a tais necessidades. Muitos jovens escolhem profissões rentáveis e carreiras brilhantes, mas não faltam os que, estimulados pelo desejo de dar respostas positivas e criativas às exigências da sociedade, empenham-se na defesa do ambiente, da justiça e da paz, no respeito aos direitos humanos, na educação dos jovens aos grandes valores.
- É todavia importante oferecer ocasiões para experiências válidas que possibilitem o conhecimento das diversas formas de vida e de trabalho, sem pressionar, nem instigar decisões apressadas. Não têm sentido também, os comentários negativos de que em tempos idos não ocorria tudo isto para tomar decisão.
- Uma das dificuldades perante as decisões vitais e profissionais é causada pelo medo de restringir o campo das possibilidades. Um moço e uma moça de até 19 anos podem cultivar capacidades, habilidades e interesses com grande abertura, especialmente se freqüentam o Ensino Médio. Escolher uma Faculdade e um Curso de Licenciatura entre os muitos possíveis e descartar todos os outros é de fato trabalhoso. Assim também acontece na escolha do estado de vida. Alguns jovens, com receio de perder possibilidades, recusam escolher um estado de vida estável. Seguem em frente às apalpadelas procurando agarrar-se em tudo aquilo que a vida oferece e no final, sem terem feito a escolha, encontram-se solitários.
- A educadora atenta, mesmo deixando que a/o jovem faça as suas experiências, pode sustentá-la/o no seu processo decisório por meio de uma escuta ativa e paciente, estimulando uma informação crítica, ajudando a perceber quais escolhas poderiam estar

mais conformes à realização de sua personalidade, dos seus sonhos e mais possíveis de dar sentido à sua vida. E, sem despencar na banal doutrinação publicitária, oferecer válidas motivações e bons testemunhos em favor de escolhas comprometedoras.

Para tornar possível a fidelidade às escolhas vitais, tanto no matrimônio, como na vida consagrada ou dedicada aos outros, é de grande auxílio acompanhar a/o jovem na passagem do ideal ao real, do encantamento ao amor, da exigência à aceitação dos limites próprios, das pessoas, das Instituições e à gratuidade, conservando o entusiasmo.

As pequenas escolhas cotidianas

Pode parecer um apêndice isto, mas talvez não o seja. As escolhas cotidianas, mesmo que pareçam de pouca monta, são ao invés importantes e igualmente difíceis de serem atuadas. Decidimos a cada manhã ser generosas, tolerantes, pacientes, atentas às necessidades das outras; ser mais fiéis aos momentos comunitários e mais constantes na oração; corrigir algum hábito pouco adequado a determinada pessoa adulta ou idosa, ser sóbrias e atentas ao regime... Mas depois, à tarde, ou quase todas as tardes, constatamos que não foi mesmo assim que as coisas aconteceram ou que poderíamos ter feito algo melhor. Quando tomamos consciência dos fatos, ficamos um tanto perplexas, desanimadas, desencorajadas às vezes.

O que fazer? São verdadeiras as decisões que se tomam pela manhã e nos momentos de maior reflexão ou são propósitos inúteis? Trata-se talvez daquele limite com o qual cada uma/um deve se rever e equilibrar-se entre a humilde aceitação e uma vigilante ascética ou, como diria Madre Mazzarello, o "não fazer as pazes com os próprios defeitos"?

Rossi_maria@libero.it

A LÂMPADA

O poema da esposa

Graziella Curti

Uma mística do nosso tempo, que já mencionamos outras vezes nestas páginas, Madeleine Delbrêl, tendo vivido na periferia de Paris, numa existência dinâmica e fortemente empenhada no social, encontra a raiz profunda de sua espiritualidade na dimensão sponsal, que exprime de maneira clara e exigente nos seus escritos:

"Na Igreja, Esposa de Cristo – afirma – toda a humanidade é chamada ao amor. Cada batizado participa deste amor nupcial. Juntamente com todos os religiosos e os consagrados, nós aceitamos saciar-nos com este único amor. Se não oferecemos todo o nosso ser ou se a este amor não damos as dimensões que lhe são próprias, somos daquelas virgens que não servem nem para a transmissão da vida nem para a vida eterna.

No alvorecer do Novo Testamento, João Batista dizia: «Aquele que tem a esposa é o Esposo, mas o Amigo se alegra...»

Certos incrédulos melhores que nós, certos cristãos melhores que nós são chamados a viver em plenitude o mistério da Igreja, esposa de Cristo como o Amigo que se alegra. Talvez a nossa tentação seja a de errar a vocação e viver a vocação do Amigo”.

Também muitas Filhas de Maria Auxiliadora, a exemplo de Maria Domingas, realizaram a dimensão sponsal em sua vida. É uma dimensão que se encaixa bem na *espiritualidade salesiana*. Especialmente na feminina. Aqui apresentamos a experiência de Madre Rosetta Marchese, que a intuiu como um chamado ao abandono total e confiante.

O secreto chamamento

Quem pôde ler as anotações quase cotidianas de M. Rosetta, principalmente as dos últimos anos de sua vida, sensibilizou-se com o percurso simples e profundo de sua espiritualidade. Profundamente salesiana e profundamente mística: duas características que não se excluem, ou melhor se evocam fortemente.

“Reconhecer a graça de esposa é penetrar e compartilhar o mistério de Sua paixão, Seu ardor pela santificação das almas, os segredos inefáveis de Sua eterna comunicação com o Pai.

Percorri pela primeira vez com coração de esposa o caminho da cruz. Jesus me envolveu na sua apaixonada dor e me estreitou fortemente a Si. Sinto que é o início de uma graça imensa” (*12 de outubro de 1968*).

“Senti de improviso um forte chamado para deixar-me penetrar pela doçura do Amor de Jesus. Foi num átimo brevíssimo, mas me pareceu intuir nessa doçura inexprimível um oceano de paz, um rio calmíssimo que queria penetrar a minha alma” (*1970*).

“Conduzir a Congregação ultrapassa-me de tal modo que não tenho outra coisa a fazer senão abandonar-me à tranqüilidade do seu Coração. Ele me transmitirá a sua compaixão, o seu ensinamento, os meios para ir ao encontro das necessidades e das fadigas das minhas irmãs e da juventude. Ele preside uma ininterrupta Missa...”.

“A experiência espiritual de M. Rosetta Marchese – escreve Irmã Maria Ester Posada – configura-se a uma real e profunda experiência mística em que se pode apreender o selo do amor trinitário unido ao da criatura humana. Experiência mística que no cristianismo é participação sempre mais plena e profunda do mistério pascal de Cristo. Na experiência de M. Rosetta colhe-se também o selo da mística salesiana, que mantém o coração atento e aberto ao mundo juvenil.

Ela havia escrito às FMA: “Vós conheceis, queridas irmãs, a intenção que se apresentou ao meu coração assim que tive a notícia de que era necessária uma internação hospitalar e quando compreendi a gravidade do meu mal: jamais outra intenção me passou pela mente e ficou fixa no coração, sobretudo nos momentos de maior sofrimento, senão esta: a santidade da Congregação e conseqüentemente a salvação das almas juvenis” (*Carta circular de 3 de setembro de 1982*).

Cartas reveladoras

Muitas são as mensagens por meio das quais M. Rosetta chegou até suas filhas. Mensagens límpidas, transparentes, que revelam de modo simples, a profundidade de sua união com Deus.

A uma irmã que sofre: "O Senhor não errou o endereço; Ele te quer e ternamente te persegue. Não deves resistir à sua sedução; o teu coração deve ser todo e somente dele, sem temor, com dedicação esponsal".

Certo dia, assim responde a uma pergunta filialmente indiscreta da irmã: "Se encontrei no meu íntimo o Senhor? Espero que sim, mas este encontro pode tornar-se sempre mais verdadeiro".

"Eu te asseguro que te levo no íntimo do meu coração vivo, que o bom Deus me deu para ser sinal do seu amor, no caminho das minhas irmãs".

"Recomendo-te que vás repousar para relaxares e leres na Paternidade de Deus a tua tarefa a serviço das almas que são dele".

Dócil à ação do Espírito, a Filha de Maria Auxiliadora obriga-se com voto a observar a perfeita continência no celibato. Esta oferta de todo o seu ser a torna sinal da união da Igreja com Cristo seu esposo e testemunha da esperança do Povo de Deus que espera a visão de seu Senhor. (C. 13)

m.curti@cgfms.org

SMS

Eu te farei minha esposa para sempre, eu te farei minha esposa na justiça e no direito, na benevolência e no amor (Os 2, 21)

Eis que eu mesmo vou seduzi-la, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração... Naquele dia – oráculo do Senhor – me chamarás "meu esposo" (Os 2, 16.18b).

...Eu me dei às almas que, vez por vez, colocaste no meu caminho, com aquela intenção natural de dever, que era também satisfação do mesmo dever cumprido. Eu as amei, com desejo de fazê-las tuas, mas quão mesquinho e limitado este pobre amor... A graça de Esposa que me faz penetrar nos segredos divinos do Teu Coração é a graça magnífica desta imensa maternidade espiritual que, pela primeira vez, me parece compreender em plenitude. (Rosetta Marchese)

É VIDA

A importância de saber escolher

Anna Rita Cristaino

Como se faz para distinguir se um ato é *bioeticamente* bom ou mau? Que critério de juízo pode ser utilizado? E qual é o correto?

Ao ler os jornais sobre questões de bioética fica-se desconcertado. No final não se sabe mais quem está errado e quem tem razão. Quando a Igreja dá o seu parecer, quando sustenta com vigor que a vida deve ser protegida desde o início até o seu fim natural, é hostilizada pelo obscurantismo e acusada de estar contra a liberdade da busca.

Tem-se a tentação de dizer: tudo bem, talvez em algumas práticas não haja nada de mal, talvez o fim vá justificar os meios. Sentimo-nos despreparados para enfrentar determinados argumentos, mas a bioética não é um campo para especialistas ou filósofos, ela diz respeito antes àquilo que cotidianamente fazemos no campo da saúde, e que deveria estar na base de uma escolha importante e cada “escolha” implica um discernimento, um juízo.

Julgar não significa condenar, mas comparar o que queremos fazer com o que nos realiza no profundo do ser: o desejo de beleza, de justiça, de verdade. O ato de discernir está na base da vida cotidiana. Expressar um juízo é fundamental porque queremos compreender e não nos “submeter”.

As nossas escolhas podem basear-se no amor, no egoísmo, ou no medo. No campo da bioética é preciso lamentar-se de que hoje certas ações (aborto, fecundação *in vitro*) não vêm sendo divulgadas por egoísmo, mas por medo: de fato o egoísmo ao menos tem por trás de si um “eu” considerado maldoso, defeituoso, alterado, mas um “eu” existe; por trás das ações ditadas pelo medo, ao invés, não há mais ninguém, a pessoa fugiu, só ficou a reação impulsionada pelo instinto. Hoje o cuidado não é mais voltado ao objeto do qual se fala (O feto é uma pessoa? Nascer da fecundação *in vitro* é um risco? A eutanásia é praticada segundo o interesse de terceiros e não do doente?), mas somente se o que se faz é uma decisão própria e se não contrasta com a lei. Ponto final e basta. Em suma, não se raciocina com a categoria do verdadeiro/falso, bom/mau, justo/injusto. Quem raciocina com estes critérios é rotulado de “fanático” ou “retrógrado”.

Falando de bioética, aguarda-nos um desafio ou “ao o nosso coração” ou “ao nosso poder”. Escolher de que lado ficar não é uma opção mas uma obrigação cultural e vital. Não se trata de uma escolha reservada aos intelectuais, ou aos santos, mas cabe a todos, também aos nossos jovens.

Eis o que é, no fundo, a bioética: o confronto de todo o campo da medicina e da biologia com o amor à verdade, à justiça e à beleza inscritas no nosso ser profundo, e não com os prejuízos ou com o nada do relativismo ético. O Papa Bento XVI fala de uma “gramática moral” que pode ajudar-nos no discernimento: o nosso coração é escrito com esta gramática, é feito à imagem de um Criador que gravou dentro dele razão e liberdade, precisamente à Sua imagem.

ENCARTE CENTRAL

África Central (AFC)

A Inspeção "Nossa Senhora da África" foi canonicamente ereta em 19 de novembro de 1969. Em 24 de janeiro de 1926, as primeiras irmãs chegaram ao Congo, onde os salesianos já estavam presentes desde 1911 e pediam com insistência a presença das FMA para que se encarregassem da educação das jovens e das mães.

Monsenhor Sak, bispo de Sakania-Kipushi pediu a presença das irmãs na sua diocese. As primeiras 6 irmãs começaram a missão em Sakania com uma escola elementar para mulheres e moças, um laboratório de corte e costura, o oratório e um pequeno orfanato.

A presença no Congo até o ano de 1969 dependeu da Bélgica; depois da constituição de duas inspeções Belgas e o aumento das presenças na África Central chegou-se à formação desta província com 47 irmãs.

AS FMA

Atualmente as irmãs presentes em 14 comunidades são 108, 73 com votos perpétuos, 29 com votos temporâneos e 6 noviças.

As principais obras:

As irmãs prestam o seu serviço em vários campos de trabalho.

Têm escola elementar e secundária, internatos, centros de promoção feminina, alfabetização, pastoral juvenil em âmbito diocesano e paroquial, animação espiritual de grupos de jovens, patronatos, centros de saúde.

Grande parte do trabalho é dedicado ao ensino: há interesse pela formação profissional (corte e costura, perito em comércio, em informática), mas também pela formação geral (nos seis anos do ensino secundário).

As irmãs estão cada vez mais empenhadas na pastoral com os jovens, na catequese e na formação religiosa.

Comunidade de Kafubu (*Maria Auxiliadora*)

Localizada a 15 Km do centro da cidade de Lubumbashi, esta comunidade foi constituída em 1929 e está na diocese de Sakania – Kipushi. É uma comunidade de 10 irmãs que trabalham nas seguintes obras:

- Liceu "Kwesu" escola e internato com 300 alunos internos e 50 externos, com os seguintes cursos: ciências humanas e pedagogia, técnico comercial e administrativo.
- Gestão de uma escola elementar mista "Shibukeni" confiada às irmãs da diocese.
- Centro de saúde "KAFUBU", Centro de referência para 6 zonas localizadas nas aldeias de Kilobelobe, Shindaika, Musoshi, Evabuka, Dilanda e Kainakanga.
- Centro de orientação e formação para as mulheres
- Serviço à população por meio da carpintaria, um pequeno negócio de artigos de confecções, material de manutenção e alimentos
- Atividades pastorais e educativas nas obras da comunidade, na paróquia e nas aldeias dos arredores.

Comunidade de Ruashi (*Coração Imaculado de Maria*)

Localizada a 7 Km do centro da cidade de Lubumbashi, esta comunidade foi aberta em 1960. A comunidade é composta por 10 irmãs, que trabalham nas seguintes obras:

- Escola materna "Bengalis", com os três níveis de ensino;
- Escola secundária "Hodari", com 1700 alunos. É uma escola pública para moças com os seguintes cursos: técnica de corte e costura (ciclo longo), pedagogia, curso comercial e administrativo, especialização para formadoras em corte e costura e para a escola materna, curso profissional.
- Duas escolas elementares públicas "Hodari blpk I" e "Hodari blok II"
- Atividades pastorais e educativas nas paróquias dos arredores.
- Diversas atividades extra-escolares para a formação da mulher.

O caminho através da floresta só é longo se não se ama a pessoa que se vai encontrar. (*Provérbio da República Democrática do Congo*)

MUNDO SUBMERSO

Assim como no mercado

Maria Luisa Nicastro – Mara Borsi

Passa-se de 15 mil dólares pelos pulmões a 62 mil dólares por um rim.

São as tarifas aferidas pelo comércio mundial do tráfico de órgãos. O Irã é o único país que legalizou a compra-venda.

Muitas são as mulheres vendedoras, mas raramente "recebem".

Um médico chinês, Wang Guoqui, preso num hospital da polícia como refugiado nos Estados Unidos, onde pediu asilo político, confirmou ter tirado órgãos, peles, córneas e outros tecidos dos condenados à morte. Em 1994 um relatório expedido pela Agência de Informação dos Estados Unidos e apresentado às Nações Unidas, havia tentado demonstrar como infundado aquele que vem sendo definido como uma "lenda metropolitana", o tráfico de órgãos. Em junho de 2005, alguns jornalistas da TV espanhola *Antena 3* e do jornal *El Mundo*, desmascararam um presumido traficante de órgãos vestido de padre, detido no México junto com um médico comparsa. Não há provas de que se tratou de uma encenação, mas a polícia não chegou a nenhum resultado considerável.

Durante uma conferência internacional realizada no Viminale, em Roma, foi publicado um dossiê sobre alguns cidadãos da Moldávia que foram à Geórgia e Turquia para submeter-se à operação cirúrgica para a extração de um rim, tudo organizado pela máfia

rusa. E, pela primeira vez, falava-se de algo muito tangível e provável: a venda dos próprios órgãos por parte de pessoas desesperadas, mas “aquiescentes”.

A compra-venda

As histórias dos raptos se sucedem há vinte anos sem controle, mas a compra-venda já é um fenômeno notável também porque, diante dos transplantes sempre mais seguros e de rotina, os doadores de órgãos continuam poucos.

Na realidade, o que determinou a eficácia dos transplantes não foi a melhoria da técnica cirúrgica, mas um medicamento, a *cyclosporina*, que permite inibir o sistema imunológico e reduzir ao mínimo o risco de rejeição. Os transplantes de rins e de coração tornaram-se por isso uma cirurgia quase segura, difundida pelo mundo todo. A escassez de órgãos tornou-se evidente se se compara com o número de transplantes efetuados. A doação é uma prática pouco difundida por razões culturais e religiosas.

A China tem um papel fundamental na compra-venda de órgãos na área do Pacífico. Em 1984, logo depois que a *cyclosporina* se tornou disponível, o governo preparou um documento intitulado “Regras concernentes à utilização do cadáver ou dos órgãos dos condenados à morte” que estabelece que os órgãos dos condenados podem ser usados para o transplante se o prisioneiro estiver de acordo, se a família estiver de acordo ou se ninguém vier reclamar o corpo. A lei estabelece também que tudo seja conduzido no mais absoluto segredo. Médicos residentes no Japão, em Hong Kong, em Singapura e em Taiwan, que são intermediários e dirigem os próprios pacientes nos hospitais de Wuhan, Beijing e Shangai providenciam em seguida a utilização de tais órgãos. O sistema é muito eficiente porquanto os estrangeiros não precisam esperar dias ou semanas para que os órgãos fiquem disponíveis: as execuções são programadas de acordo com as exigências do mercado.

David J. Rothman, componente da *Bellagio Task Force*, que produziu o mais importante relatório sobre o tráfico internacional de órgãos, pergunta-se de modo provocativo: “O que sucederia se as sociedades médicas internacionais levassem a sério os princípios proclamados e instituíssem comissões de controle para manter sob estreita vigilância as práticas de doação dos órgãos? E se ameaçassem deixar de treinar os cirurgiões que provêm dos Países onde são toleradas semelhantes práticas? E se recusassem, como aconteceu na África do Sul no tempo do *apartheid*, manter as juntas internacionais naqueles Países? E por que o laboratório farmacêutico que produz a *cyclosporina* não decide vender este medicamento somente aos médicos e aos hospitais onde são respeitados os padrões das doações?”.

Para uma ética mundial

Informar com objetividade responsável e educar para os valores constituem a via mestra para combater de modo eficaz a praga social do comércio de órgãos e para favorecer uma autêntica cultura dos transplantes.

João Paulo II em 1991 escreveu: “Graças à ciência e à formação profissional de médicos e cirurgiões apresentam-se novos e maravilhosos desafios. Somos desafiados a amar o nosso próximo de modo novo; em termos evangélicos, a amar até o fim”.

A única escolha eticamente aceitável é a da solidariedade, da busca do bem comum e portanto, do dom de si. A doação e o transplante representam um singular e às vezes heróico serviço à vida e podem tornar-se uma ocasião de generosidade e de misericórdia para com o próximo enfermo e sofredor.

O valor do corpo humano não tem preço e então não é comercializável. A única possibilidade de troca torna-se um nobre ato a ser inscrito no horizonte da gratuidade e do altruísmo.

Fontes consultadas:

"Avenire" 28 de janeiro de 2007, Órgãos à venda no comércio mundial

"Missões Consolata", Viagem pela escravidão do terceiro milênio 107 (2005) 10-11

marialuisanicastro@email.it

maraborsi@tiscali.it

OBJETIVO 2015

Um empreendimento extraordinário: salvar o mundo!

Emilia Di Massimo

A conseqüência mais importante da sétima Conferência das cinco partes que assinaram a Convenção sobre diversidade biológica (COP7), realizada em Kuala Lumpur, Malésia, em fevereiro de 2004, foi um acordo sobre as primeiras etapas que levarão à criação de uma rede mundial de proteção do patrimônio *florofaunístico*, terrestre e marinho.

O que estava em jogo na COP7, era altíssimo. Na Europa as espécies estão se extinguindo com ritmo muito mais veloz do que o natural.

Antes de partir para Kuala Lumpur, a comissária UE responsável pelo Ambiente, Margot Wallstrom, apresentou a questão com fortes tintas:

«Sou obrigada a escolher cuidadosamente as situações que devem ser denunciadas», admitiu, fazendo referência à variedade dos problemas ambientais a serem resolvidos. «A biodiversidade – continuou a explicar – não é luxo, mas uma condição indispensável à vida. Os primeiros a sofrer pela destruição dos ecossistemas serão os pobres de todo o mundo, cujo sustento, com freqüência, depende diretamente da biodiversidade. A grande interrogação não é se existe vida em Marte, mas se continuará a existir vida na terra».

Uma conferência preocupada apenas em resolver os problemas da flora e da fauna?

Absolutamente não! É a espécie humana que está recebendo a maior ameaça. A expansão das cidades e das redes rodoviárias destrói e divide os *habitat* naturais dos quais depende o patrimônio da flora e da fauna. A exploração desatinada dos recursos naturais e a introdução de espécies predatórias ou alóctones, danificam os recursos alimentares e o equilíbrio natural dos ecossistemas.

Segundo algumas estimativas, a mudança climática atual poderia produzir uma aceleração sem precedentes no processo de extinção, que até o ano 2050 poderia cancelar até mesmo um terço das espécies existentes no mundo.

É bom recordar que a sobrevivência da espécie humana não pode prescindir do mundo natural. Um exemplo a respeito: as florestas oxigenam o ar, impedem a erosão do solo, previnem os aluviões e moderam o clima. Além disso, fornecem madeira, alimento e remédios.

Margot Wallstrom descreveu as razões para a proteção da biodiversidade usando quatro

"e": *ethical* (ética), *environmental* (ambiental), *economic* (econômica), *emotional* (emotiva).

E perguntou: "Podeis imaginar uma jornada de verão sem o canto dos passarinhos?".

Sétimo objetivo do Milênio: assegurar a sustentabilidade ambiental

A realização do sétimo OSM implica garantir formas de desenvolvimento sustentável e a habilidade de preservar para as gerações futuras a capacidade reprodutiva dos ecossistemas naturais. Trata-se de empenhar-se numa variedade de políticas capazes de inverter a tendência referente aos danos ambientais produzidos e de melhorar o manejo dos ecossistemas.

Estamos diante, infelizmente, de uma geografia pontuada de desequilíbrios no consumo, nos danos ambientais e no impacto do homem sobre o ambiente. Os Países ricos são os responsáveis pela maior parte da poluição que fere o ambiente e pela exploração dos recursos do planeta.

Nem todas as riquezas são usadas e igualmente distribuídas para contribuir na construção de um mundo melhor...

Os dados do relatório UNDP são os seguintes:

- A degradação do solo é um problema que toca quase 2 bilhões de hectares de terra, danificando o sustento de pelo menos um bilhão de indivíduos que vivem em terra firme.
- Cerca de 70% das reservas ícticas são exploradas completamente ou hiper-exploradas .
- 1,7 de bilhões de indivíduos, isto é, um terço da população mundial, vive em regiões em condições de emergência hídrica.
- O sustento de aproximadamente 900 milhões de pessoas pobres, residentes em áreas rurais, depende em grande parte dos produtos naturais.
- Até um quinto das doenças registradas nas regiões pobres é atribuído a fatores de risco ambiental.
- Os países ricos geram a maior parte da poluição ambiental do planeta e empobrecem os recursos naturais do mesmo: 20% da população do "Norte" consomem 86% dos recursos, produzem 95% do lixo tóxico e 65% dos gases que contribuem para o efeito estufa e para o aquecimento do planeta.
- 455 quilos de lixo tóxico: é a montanha de lixo produzido por ano (em média) por uma pessoa pertencente à classe rica.
- Os pobres são os sujeitos mais vulneráveis aos choques e às tensões ambientais, assim como aos impactos precoces pela mudança climática global.

Urgência: parceria global

Potenciar uma parceria global para o desenvolvimento é o oitavo OSM até 2015. Somente se os Países se empenharem em favorecer a cooperação para o desenvolvimento Norte-Sul poderão obter resultados positivos em todos os âmbitos problemáticos para os Países em desvantagem: a redução da dívida, o acesso aos medicamentos...

No campo ecológico, proteger o patrimônio da flora e da fauna implica empreender um trabalho ambicioso dotado de objetivos precisos aos quais se poderá chegar se existir uma

vontade comum de subscrever os acordos propostos. Serão instituídas zonas nacionais e regionais; até 2010 elas serão concretizadas em terra firme e para 2012, no mar. Uma comissão avaliará a atuação do plano e examinará o método com que sustentar a biodiversidade nas zonas marítimas externas aos limites nacionais. Atualmente, em todo mundo, apenas 10% das áreas caracterizadas pela maior biodiversidade e 11% dos oceanos, são protegidos, alguns de modo inadequado.

Decidiu-se, além disso, fazer acordos internacionais, para obter a possibilidade de uma nova parceria global para a biodiversidade que reúna todas as organizações que se ocupam de biodiversidade; é urgente coordenar as atividades destinadas a deter a extinção da espécie.

O objetivo apresentado propõe-se atingir a seguinte meta: integrar os princípios de desenvolvimento sustentável nas políticas das regiões e nos programas e deter a destruição dos recursos ambientais. De um lado ocorre fazer frente à escassez dos recursos naturais aos quais têm acesso as populações pobres; de outro, é preciso remediar os estragos ambientais causados pelo consumo intenso das populações ricas: muitos problemas ambientais são originados dos modelos de produção e consumo, sobretudo nos Países desenvolvidos.

Paz e sustentabilidade são interdependentes e estão ligados ao nosso modo de pensar e de agir. Requerem de nós um novo estilo de vida no cotidiano. Urge uma sensibilização mais forte quanto à nossa co-responsabilidade na defesa e no cuidado do *habitat* que Deus nos confiou. Que percursos empreender?

delegata.tgs@fmairo.net

MUNDO JOVEM

Desejo de futuro?

Cristina Merli

Às vezes tem-se a sensação de caminhar sobre areias movediças. Os jovens frequentemente não sabem sobre que terreno sólido dar o passo seguinte. É a época da incerteza, do relativismo. Dá medo apostar no próprio futuro, numa promessa de amor, na possibilidade de ser realmente felizes. Amores abreviados, trabalhos precários, política decepcionante, desconfiança nas relações. Qual é a idéia de futuro para os nossos jovens? Que emoções são projetadas sobre o amanhã? Há um projeto a longo prazo?

**Foi o que perguntamos a eles,
adolescentes dos 16 aos 18 anos.**

- *Que emoções experimentas perante o futuro que te espera?*

Como primeiro pensamento direi: medo! Medo porque não sei o que me espera, não sei se serei capaz de realizar aquilo que quereria fazer no futuro, porém se penso bem experimento também uma grande vontade de descobrir o que me espera. *Sara*

Um pouco de medo, mas também muita curiosidade e vontade de empenhar-me naquilo que desejo. *Ettore*

Medo, esperança, fascínio. *Francesca*

O futuro cria em mim uma sensação de desorientação. *Marta*

Fico ansiosa e agitada porque não sei o que me espera. *Clara*

O futuro? Quereria percorrê-lo todo de repente! *Gabriele*

Põe-me em crise. *Marco*

Não vejo a hora que chegue este "futuro". *Stefano*

- *Tens projetos para o amanhã?*

Só por pouco tempo. *Chiara*

Seguramente quero formar uma família, ter muitos filhos e encontrar um trabalho que me comprometa com o social. *Federica*

Tenho alguns projetos, mas são muito incertos. *Matteo*

Definitivos, ainda não. *Valéria*

Sim, quero estudar, tornar-me professora, casar-me e ter filhos. *Francesca*

Sim, ambiciosos, que poderiam ser realizados também em pouco tempo. *Gianmarco*

Não, ainda tenho as idéias confusas. *Serena*

Sim, gostaria de ser ator. *Gabriele*

Sim, mas não sei se são realizáveis. *Alberto*

Tenho tantos projetos que não saberia por onde começar para fazer o elenco. *Beatrice*

- *O que te causa mais medo?*

Não encontrar trabalho e casa para conseguir viver com autonomia. *Nicolò*
O dever ter responsabilidades sempre maiores. *Sílvia*

Ser uma pessoa falida que inutilizou a sua vida, que não chegou a realizar nada daquilo que tinha em mente. *Lucia*

Pensar que aquilo que desejo poderia não se concretizar, que todos os meus sonhos possam virar fumaça. *Andréa*

Não encontrar trabalho depois dos estudos universitários. *Sara*

O pensamento de poder não viver o futuro, de morrer antes de ter feito tudo aquilo que quero e posso fazer. *Gabriele*

A política. *Claudia*

A possibilidade de encontrar-me despreparada diante do imprevisto. *Valentina*
Perder as pessoas queridas. *Marco*

Não significar nada para ninguém. *Lucia*

A idéia de ficar só. *Francesca*

- O que te fascina?

A possibilidade de conquistar a minha independência e a idéia das responsabilidades. *Babi*
Saber que existem novas oportunidades. *Gabriele*

A idéia de voltar para casa à tarde e de estar satisfeita com a minha vida. *Vanessa*

O fato de que possa acontecer algo de belo que no momento nem posso imaginar. *Margherita*

O fato de que um dia poderei finalmente obter a resposta à pergunta: "O que será de mim?" *Sara*

Fascina-me poder escolher entre numerosas oportunidades todas interessantes. *Clara*

Saber que com a minha capacidade poderei construir o meu futuro e a minha vida. *Ettore*

O imprevisível. *Stefano*

No final perguntamos a estes jovens quais são os pontos de referência seguros que lhes conferem a força de esperar num bom amanhã. As respostas foram mais ou menos as mesmas: a família, os pais, os amigos; alguns, as próprias capacidades. Alguém admitiu não ter pontos de referência seguros.

Todos, porém, expressaram a forte esperança de poder ser verdadeiramente felizes. É o caminho do homem, de todo homem. Caminho que pode ser percorrido somente na

primeira pessoa. Mas se a responsabilidade é pessoal, o caminho deve ser percorrido com acompanhante. A companhia dos pais, dos amigos, dos educadores. De educadores que, num mundo de areias movediças, tenham a presunção e a coragem de dizer com a vida e com as palavras: *aquilo que o teu coração espera é possível; um futuro bom e belo é possível; se queres, eu te acompanho.*

EXPLORA RECURSOS

Uma vida no limite

Anna Maria Mariani

Uma jovem de dezesseis anos, à pergunta feita por um adulto sobre o porquê de tantos jovens morrerem em acidentes de carros ou motos e sobre o porquê de tanta falta de cuidado, responde: "Para nós jovens é melhor *um dia de leões que uma vida de cordeiros*". Esta afirmação provoca inquietação e confusão e muito desejo de "habitar" o mundo dos nossos adolescentes em busca de sensações para além de todo limite.

O mundo da adolescência e o consumo

Um elemento que deve ser levado em conta é *o consumo*. Baumann afirma: «Os consumidores são principalmente coletores de sensações: são colecionadores de coisas apenas num sentido secundário e derivado. O indivíduo moderno assume o papel de colecionador de prazeres, pesquisador de sensações» e se estas sensações são resolvidas com uma jogada no limite das regras jurídicas, morais e também físicas, tanto melhor! Não é a posse que gratifica, mas o como é percorrido o caminho para consegui-la.

Uma sociedade do "não-limite"

As atitudes-limite encontram terreno fértil numa sociedade que viu o sentido da lei declinar, ou melhor, perdeu poder o vínculo entre a moral e a adesão prática às normas, também as que supõem sanções administrativas ou penais. Os adolescentes perderam o sentido do limite e num desafio contínuo a si mesmos e ao grupo de amigos ou a si mesmos e às instituições, estão em contínua procura do risco para demonstrar a própria força e a própria diferença. Isto se torna uma excitação mental que os leva a competir com o que mais temem: o medo e a morte. É como se por meio da ação violenta exorcizassem o medo e num delírio de onipotência pensassem poder ser os *senhores* e decidir portanto sobre a vida e sobre a morte das vítimas - muitas vezes eles mesmos - que caem nas suas mãos. Assim se explica porque, às vezes, certos jogos perigosos se transformam em tragédia. A não-capacidade de compreender o limite e a supervalorização das próprias potencialidades lançam mecanismos perversos que podem com frequência ter trágicos epílogos. É o caso das pedras atiradas de cima do viaduto, dos estupros de coetâneas, em grupo, da escolha de um esporte violento, das corridas de moto ou carro, das "bravatas" dos adolescentes. É uma espécie de delírio de onipotência. Existe indubitavelmente uma sub-cultura juvenil que perdeu o sentido da norma e do direito e que está se perdendo na idéia de que a força seja o caminho mais simples para obter com

facilidade tudo o que se deseja e que olha para si mesmo e para o outro somente como um obstáculo a ser removido em busca da plena satisfação dos próprios desejos.

A vida entre sonho e realidade

O psicólogo Vittorino Andreoli afirma que os adolescentes, hoje “mesmo se cheios de coisas são mais vazios de sentimentos, mais frágeis”. Fragilidade que pode traduzir-se em ponto focal quando se torna busca do outro, necessidade de amizade, liame de sentimentos entre jovens, ou seja “busca de ocasiões para crescer”. No processo de crescimento chamamos a atenção dos pais que não escutam porque substituíram o diálogo pela televisão e dos educadores e professores que “devem *ensinar a viver* deixando-os falar”. “A vida é uma combinação de realidade e fantasia: a realidade sozinha é triste assim como a fantasia somente é pura ilusão. Ocorre olhar a realidade concreta pensando no amanhã, com esperança! Na adolescência é preciso voar, não para escapar da vida, mas para colori-la!”

comunicazione@fmairo.net

DIÁLOGO

Maria, ícone do diálogo

Bruna Grassini

Eu rezo pelo futuro

No qual os seguidores das várias religiões encontram-se serena e abertamente

uns com os outros,

respeitando-se mutuamente e cada um acolhendo

a verdade que há na religião do outro.

Rezo pelo futuro em que cada qual

esteja disposto a aprender o que de verdadeiro e de bom se revela nas religiões.

Cardeal Francis Grinze, Presidente emérito do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso

O diálogo do amor: o encontro

Castelgandolfo: 25 de setembro de 2006. O Papa Bento XVI, num encontro histórico com o Corpo Diplomático das Comunidades Muçulmanas presentes no mundo, saudou-os dizendo: “Caros amigos, sinto-me feliz ao acolher-vos neste encontro, por mim desejado, para consolidar os vínculos de solidariedade e de amizade entre a Santa Sé e as Comunidades Muçulmanas do mundo. Em particular quero hoje reafirmar toda a estima e o profundo respeito que nutro pelos crentes muçulmanos. Desde o início do meu Pontificado desejei que continuassem a se consolidar as pontes de amizade com os fiéis

de todas as religiões, com um particular apreço pelo crescimento do diálogo entre muçulmanos e cristãos” (Osservatore Romano).

Palavras e gestos que iluminam a vida e nos encorajam a buscar caminhos de colaboração a serviço de um futuro de paz.

O Papa Paulo VI, desde 1964, na Encíclica *"Eclesiam Suam"*, nos exortava a apreciar os valores presentes nos irmãos separados, reconhecendo Cristo e as obras virtuosas na vida de outros crentes. “É justo, acrescenta, porque Deus é sempre estupendo e surpreendente nas suas obras” (47).

O verdadeiro diálogo não visa apenas à doutrina, não se limita a uma troca de idéias. “É, de certa forma, sempre uma troca de dons”. Então é necessário que nos confiemos a Maria. Ela nos toma pela mão, guia-nos e nos abre o coração.

Lembro uma página de Tonino Bello, na qual denominava Nossa Senhora: “Mulher do Primeiro Passo”, símbolo da Igreja ressuscitada, que “pressurosamente põe-se em marcha para levar alegres anúncios ao mundo”. E nos sugeria uma oração, a mim muito querida: “Maria, torna-nos como Tu especialistas do primeiro passo. Irmã dulcíssima... Tu, experiente como ninguém no método preventivo, toma-nos pela mão e cobre-nos com o Teu manto”.

Éfeso “casa do diálogo”: a escuta

Éfeso: aqui o cristianismo deu seus primeiros passos. Aqui a fé precisou confrontar-se com outras culturas, com Religiões diferentes, outras línguas, outros costumes e mentalidades. Aqui a Igreja iniciou um longo caminho de fé até chegar a nós.

O apóstolo Paulo nos lembra que também nós, nos inícios, fomos “forasteiros”, “imigrantes”. O seu mote: “Eu me fiz tudo para todos a fim de levar todos a Cristo”.

O enxerto, sabemos, não foi fácil. Como naquele tempo, também nós hoje somos chamados a fazer um esforço de compreensão, de confiança, testemunhando nossa fé, distinguindo-nos pela caridade.

Maria é “Casa do encontro, Casa da escuta, do diálogo”. Aqui, há séculos, Cristãos e Muçulmanos rezam juntos o Evangelho, os versículos do Corão e a Ave Maria em todas as línguas.

Diálogo da verdade e do encontro: é a Mensagem que Bento XVI transmitiu à Assembléia Ecumênica Européia realizada em *Sibiu*.

“O verdadeiro diálogo, escreve, entrelaça-se lá onde não existe apenas a Palavra, mas também a escuta e onde, na escuta ocorre o encontro, a relação e a compreensão” (Osservatore Romano).

Fonte do diálogo é a oração: flui e cresce na escola da Palavra. Além disso requer uma adequada preparação, sobretudo quando se devem enfrentar argumentos controversos, acatando as expressões do culto de cada confissão religiosa.

Sabemos que, infelizmente, grande parte dos debates são contaminados pela ignorância e pela política, o que gera descrença e muitas vezes rejeição da prática religiosa.

Em Loreto o Papa pediu aos jovens “sentir-se Igreja, onde se aprende a amar educando-nos à acolhida gratuita do próximo, à atenção solícita com quem está em dificuldade, com os pobres e os últimos”.

O diálogo não é uma estrada com um único sentido: é um itinerário de fé que exige clara identidade, oração e preparação adequada.

O Corão menciona Maria trinta e quatro vezes, com amor e respeito, chamando-a Virgem, Mãe de Jesus. Jamais “Mãe de Deus”.

Isto demonstra o quanto ainda sejam profundas as diferenças.

Madre Teresa de Calcutá, mesmo não tendo jamais feito pregações, edificou a Igreja dedicando um grande amor aos pobres, um bem incalculável à Igreja, um grande socorro aos que morriam de fome.

Assim ensinou às suas Irmãs e a todos nós o diálogo da vida, legando-nos sua experiência na simples expressão que a caracterizava: "Todas as pessoas que jazem aqui, às margens da vida, são o próprio Jesus que espera o nosso amor".

grassini@libero.it

PERIFERIAS

Crônicas a partir da base

Maria Antonia Chinello - Lucy Roces

Recentemente o associacionismo, o voluntariado e os setores mais sensíveis do mundo da informação criaram uma informação multicultural, por meio dos "jornais de rua", agências de imprensa, boletins de entidades, para dar voz, denunciar, defender os últimos. E a Rede sempre mais frequentemente nó e fio, torna visíveis as notícias que se devem conhecer ou as boas notícias que não encontram, de outro modo, espaço de divulgação.

Mudar o ponto de vista

Uma redação jornalística é composta de muitas pessoas, que se ocupam de vários serviços. Entre estes está também a assim chamada crônica "branca", ou seja, toda informação que se refere aos serviços e que discorre sobre as histórias da vida social da cidade: marginalizações, inclusão das pessoas deficientes no trabalho, temas legais para a imigração, a penitenciária, os nômades e a integração multicultural.

Infelizmente, os fatos da crônica "branca" dão notícias somente se se entrelaçam com a crônica negra (a expulsão do acampamento "rom" advém com o uso da força); a economia, se o centro para os deficientes vem sendo realizado com o uso do dinheiro público, etc. **Jornalismo social ou de serviço** é a informação que se ocupa das problemáticas sociais denunciando ao mesmo tempo desorganizações e abusos. Colocar-se a favor do "social", como informação, comporta a grande responsabilidade de escrever a partir da periferia da história e de encontrar as palavras precisas para narrar o desespero e a esperança, o ódio e a solidariedade, a violência e a guerra com a paz e a tolerância.

Um nó a mais

O jornalismo social com o advento da Rede adquiriu uma particular vivacidade, mas sobretudo uma notável visibilidade. O jornalismo *on line*, diferentemente do tradicional, oferece, graças a uma rede de colaboradores e de competências, a possibilidade da atualização contínua, da reflexão e do aprofundamento, favorecendo aquele trabalho de investigação jornalística que muitas vezes é omitido pela escassez de tempo ou por causa

da fiscalização. A *internet* permite utilizar seus múltiplos recursos: *blogs, fórum, chat, mailing list, podcasting*. É o conceito de *mídia citizenship*, no qual qualquer cidadão utiliza as novas mídias para transcender e transformar as mídias tradicionais. Passa-se de “consumidor das mídias” a cidadãos ativos com a mídia.

Por exemplo, na China, uma nação conhecida pelo controle reiterado de todo tipo de informação, os cidadãos conseguiram denunciar o fato de um jovem detido pela polícia e ferido de morte por ter recusado mostrar sua ficha de residência. A notícia exigia comentários: “Quem é responsável pela morte não natural de um cidadão?” O grito dos participantes dos *blog* continuou a agitar a rede e criou uma opinião pública tão forte que as mídias tradicionais finalmente ajustaram a sua agenda para satisfazer o “direito de saber”. O caso encerrou-se com 18 civis e 23 oficiais estatais condenados e levou à abolição das leis anti-vadiagem: a vitória do “popular” sobre o “poderoso”.

A *internet* permite omitir a tradicional mediação dos jornais, assim, pequenas realidades também locais, apresentam-se em cenários internacionais enormes de modo autônomo criando muitíssimos *network*. Deste modo são superados os problemas dos custos e da distribuição da notícia, conquistando e interagindo em espaços que se organizam como comunidades ligadas por interesses específicos.

Tornar-se “boa notícia”

O que podemos fazer, depois de um ano de reflexão sobre o poder da informação? Como empenhar-nos para fazer emergir uma informação diferente, mais fiel à pessoa, às periferias do mundo?

- **Ler** e **escutar** notícias, **confrontar-se** e **dialogar**, **não contentar-se** com as aparências;
- **interessar-se** pelos temas “ausentes”: as migrações, as pobrezas, as misérias humanas para **adquirir** um maior sentido de justiça e **reafirmar** o reconhecimento dos direitos humanos;
- **abrir-se** a novas formas de informação e **fazer conhecer** o bem que se faz no próprio território para **produzir** “boas práticas” e **colaborar** com o associacionismo, o voluntariado e as partes mais sensíveis entre os encarregados dos trabalhos do mundo da informação.

Hoje, para produzir informação autêntica e de qualidade, que faça alusão às periferias da história com homens e mulheres no centro, não bastam os jornalistas. Também você deve estar presente.

mac@cgfma.org
Imroces@gmail.com

Como será o futuro?

“O verdadeiro jornalismo é o intencional, isto é, aquele que tem um objetivo e que visa a produzir uma forma qualquer de mudança” (Ryszard Kapuscinski).

“O jornalismo é uma história de solas de sapato. As de homens e de mulheres que, por paixão, se colocam no meio do povo em busca de histórias a serem contadas, consumindo-as. Se ele chega a ser social, as solas se gastam ainda mais. Porque significa noticiar regiões diversas, que até hoje não tinham sido notícia. E que a *internet* tem ajudado a crescer.

Um dia, os jornalistas sociais saberão também ser cidadãos. E trabalharão por uma informação competente, corajosa e crítica para além da capacidade de competir em velocidade e tecnologia com as novas fronteiras impostas pelo mercado da mídia” (*Mauro Sarti, jornalista*).

VÍDEO

Nativity

De Catherine Hardwicke – USA 2006

Há um ano da exibição do filme – que depois da aplaudidíssima pré-estréia mundial no Vaticano foi apresentado em numerosos Países, em 1º de dezembro de 2006 – é útil lembrar a sua atual disponibilidade em DVD. Amplamente distribuído pela São Paulo, pode ser adquirido com um fascículo de “Guia ao filme para uso pessoal, em pequenos grupos, na Catequese comunitária”. O juízo de avaliação pastoral da CEI que o definiu recomendável e poético, sugere “utilizá-lo em programações ordinárias e valorizá-lo em muitas ocasiões, para públicos diferentes, também em atividades paroquiais”. (cf. CVF) “*Nativity* sobressai pela precisão bíblica, autenticidade histórica e nitidez visual”: concorda a crítica de cada condição ideológica. Confirma-o, com total autoridade para nós, a voz de Peter Malone, crítico cinematográfico de *Signis, a World Catholic Association for Communication*. Chamado a apresentar a pré-estréia vaticana, faz observar como “o filme torna-se interessante tanto para os cristãos como para os não-cristãos. A sua encenação, afirma, está bem enraizada nos textos bíblicos – seja na herança do Antigo Testamento que no texto e no espírito das narrações evangélicas da infância. Isto lhe confere uma vantagem sobre as narrações que limitam a perspectiva a uma leitura literal dos textos e se baseiam sobre tradições de piedade para a apresentação visual”. Observa, além disso, que a encenação “oferece um importante *background* histórico para entender a Palestina da época e para compreender como os personagens foram influenciados pelo seu ambiente e pela opressão das autoridades”.

Conclui citando a tocante observação de Lotz: “*Nativity* perscruta a maior história jamais narrada com os olhos, a discrição, a veemência de Maria. Escrito e rodado com o coração... é destinado a se tornar um clássico de Natal”.

«Em viagem, para o primeiro e inesquecível Natal»

Rodado prevalentemente na esplêndida ambientação de Matera e no Marrocos o filme de produção americana foi escrito pelo notável cenógrafo inglês Mike Rich (veja Descobrimdo Forrester). Ele declarou: “Durante o Natal de 2004 havia lido muito sobre a Natividade, sobre Maria e José, sobre os Magos, sobre os pastores... Veio-me em mente que, enquanto tinha conhecimento de como havia terminado a viagem a Belém, pouco sabia do modo como haviam chegado lá. Que desafios precisaram vencer. Como sou pessoa de fé e escritor, estas perguntas se tornaram provocantes dentro de mim...”. A resposta que Rich se deu está no filme centrada nos dois anos que precederam o nascimento de Jesus. Do matrimônio combinado, ao anúncio do anjo de uma gravidez ‘divina’ em Maria. Da perturbação inicial da adolescente grávida, à sua coragem, seguida de um período transcorrido com a prima Isabel. Do risco de ser lapidada como adúltera, ao amoroso apoio de José. Enquanto isso, os Magos da Pérsia, que estudam o cumprimento já próximo da profecia anunciada pela estrela, empreendem a viagem para a Judéia. Contemporaneamente, em montagem paralela, José e Maria se aventuram e percorrem, ao contrário, a inimaginável ‘odisséia’ da viagem para o recenseamento em

Belém, onde ocorre o Nascimento do Filho do Altíssimo – anunciado pelos anjos aos pastores, mas temido por Herodes que se embrutece em defesa do seu reino...

- **Por que de novo “de Belém para o cinema”? – foi perguntado à diretora Catherine Hardwicke.** Por que levar ainda uma vez para a tela este evento que condicionou o mundo? Você não teve medo de enfrentar um argumento tão delicado? Ao que ela responde simplesmente: Encontrei-me diante de um assunto importante e assombroso. Diante de uma história carregada de humanidade.
- **E como é possível um filme assim tão diferente dos seus precedentes “Thirteen e Lord of Dogtown”?** Afinal, não são assim tão diferentes: os três são histórias de adolescentes. Maria não é por acaso a adolescente mais famosa do mundo? Esta é a idade mais difícil, mas também a mais interessante a ser vivida. Descobrir que Maria quando deu Jesus à luz tinha provavelmente apenas treze anos partiu-me o coração. O meu filme baseia-se em muitas buscas de tipo histórico e antropológico. É admissível acreditar que Maria fosse muito jovem, mas consideradas as expectativas de vida muito baixas daquela época, também José não devia ser muito mais velho que ela. Naqueles lugares e naquele tempo o povo vivia numa pobreza extrema e cada gesto tinha a finalidade da sobrevivência. Além disso era dominado pelas férreas leis romanas... Permitted a mim mesma representá-las por meio dos soldados que, a história nos diz, eram com frequência decididamente maus, como no filme...
- **Em suma, também para dar uma sacudidela à compreensão-visão deste evento/mistério já muito “domesticado”** em convenções oleográficas, privilegiei um realismo sem concessões, aceitando apenas, no momento da Natividade, uma luz – a verdadeira Luz do mundo – que pousa sobre a gruta.

PARA FAZER PENSAR

Sobre a idéia do filme

- **“Reconstruir” uma experiência de participação cinematográfica - isto é, vivida para identificação/projeção com os personagens da história (neste caso do Natal), não pela gratificação emotiva de fáceis efeitos espetaculares – mas pela releitura respeitosa das fontes: a Escritura.**

É uma operação absolutamente na linha da versão dos textos. Tudo é respeitado quase ao pé da letra. “Esforçamo-nos para ser o mais fiéis possível aos evangelhos de Mateus e de Lucas – confessa Rich – se bem que, necessariamente, precisamos imaginar tudo aquilo que os evangelhos não contam”.

Curiosamente, porém, este corte que o cenógrafo e o diretor deram à narração - com a marca de uma simplicidade que não significa banalidade, mas moderação e respeito pelos espectadores – aumenta-lhe o caráter de uma obra bem sucedida e extraordinária. Mais discreta e credível, límpida, verdadeira. É simplesmente a história de Maria (a quem a australiana Keisha Castle-Hughes empresta o límpido e suave rosto) e de José, que aqui recupera uma posição essencial na evolução dos acontecimentos. Combinando a simplicidade da encenação com uma direção linear, o filme consegue de fato atingir a todos, grandes e pequenos. Fica entre os méritos principais do filme, a capacidade de não propor fáceis (e muitas vezes astutas) operações extraviadas, mas de renovar a tradição com sensibilidade e visão moderna.

Sobre o sonho do filme

- **Atualizar, dentro de uma autêntica moldura histórica, a Mensagem de salvação que está fora da História e toca da mesma maneira o homem e a mulher do terceiro milênio.**

Uma Encarnação que se renova exatamente em nosso tempo – para que a vida lhe permita o Encontro. Buscamos – disse a propósito Rich – acentuar a universalidade do evento, mas ao mesmo tempo, foi nosso desejo vivíssimo lembrar ao público o que esta história representa para cada um de nós. Há motivos válidos, fortes e duradouros – sublinha precisamente o comentário pastoral da CEI – se a figura de Cristo é ainda hoje a mais ‘utilizada’ em mais de cem anos de cinema. Com “Natividade” o fascínio do encontro entre o Evento que mudou o mundo e a ‘ficção’ cinematográfica renova-se, como ocasião nova de desafio e de confronto, terreno sobre o qual o invisível do Mistério deve transformar-se em imagens, palavras, ações.

ESTANTE VÍDEOS

Uma ponte para Terabithia

GABOR CSUPO USA – 2007

Narrativa formativa, fábula, metáfora sobre a passagem da infância à idade adulta.

Tudo isto existe em *Uma ponte para Terabithia*, filme para adolescentes e adultos, afamado pela bela frase do filme: “Feche os olhos e mantenha bem aberta a mente”, ou seja: “No bosque dos sonhos para a descoberta da verdadeira vida”. É extraído do livro homônimo que Katherine Paterson – notabilíssima autora de 14 romances e ensaios para meninos – escrito em 1976, depois da trágica morte de uma amiga de seu filho ainda pequeno, para ajudá-lo a superar a dor. Seria reduutivo, defini-lo apenas como uma fantasia, porque as temáticas enfrentadas no filme são na verdade múltiplas, todas ligadas ao mundo “real” dos mais jovens, no momento crucial da passagem da infância à adolescência.

Jesse, um menino de família pobre/numerosa e Leslie, uma menina recentemente transferida com os seus pais, freqüentam a mesma escola. De repente ela o vence numa disputa de corrida: primeiro se detestam, depois tornam-se amigos, encontrando apoio recíproco contra as prepotências e o isolamento do qual são vítimas. Ele gosta de desenhar. Ela gosta de contar histórias fantásticas. Juntos penetram num reino imaginário todo deles, o secreto reino de Terabithia, universo encantado no qual se auto-promovem fazendo-se “soberanos”. Um lugar escondido nos bosques atrás da casa, mas para alcançá-lo ocorre atravessar o rio com uma corda, metáfora que une e “transporta” do real ao mágico. Um modo de defender-se da vulgaridade e da bulimia que os circunda, até que uma tragédia, a morte, modificará as suas vidas. O diretor Gabor Csupo descreve com sensibilidade e inteligência a relação que liga os dois protagonistas, sua amizade e seus problemas. Com poucos toques de sabedoria chega a definir perfeitamente as dinâmicas familiares e escolares, sem tornar pesada a narrativa. Consegue integrar a parte fantasiosa ao restante: tudo se interliga de modo orgânico e harmonioso, os efeitos

especiais, na verdade mais circunscritos, servem para explicar melhor a realidade. O poder da imaginação ajuda a derrotar os verdadeiros monstros. Também a parte mais dolorosa, é tratada sem fáceis paternalismos e resulta eficaz. Um filme belo e inteligente, que sabe tocar o coração e comover-ensinar. Obra de primeira qualidade, feita com poucos meios, mas vencedora: limpa, delicada e profunda.

A granja das cotovias

PAOLO E VITTORIO TAVIANI

ITÁLIA, BULGÁRIA, FRANÇA, ESPANHA - 2007-10-31

“Foram necessários os esforços dos irmãos Traviani, para realizar o primeiro filme que enfrentasse, de maneira direta e ao alcance de todos, uma tragédia por muito tempo posta de lado e esquecida como a do genocídio de um milhão e meio de armênios pelos turcos durante a primeira guerra mundial” – escreve “A República”. Na história (verdadeira) da família Avakian há, de fato, tudo (ou quase tudo) o que ocorre saber. Há a ingenuidade da minoria armênia na Turquia, que em 1915 continua a viver segundo a própria cultura e religião, minimizando a ameaça que se avizinha. Há o nacionalismo dos Jovens Turcos, que em nome da Grande Turquia declaram guerra sem trégua àqueles estrangeiros ricos e cultos, considerados aliados “naturais” dos russos. A dobrez dos militares turcos que esperam salvar o que é passível de salvação ou até mesmo se enamoram de uma armênia. Mas acima de tudo existem, mesmo com elegância e com pudor, as atrocidades cometidas pelos nacionalistas turcos sobre os seus hóspedes desarmados, o massacre de toda a família Avakian que ingenuamente se refugia na Granja, em que se salvam apenas as mulheres e um menino vestido de menina. “Matai também os meninos, senão, uma vez crescidos quererão vingar-se”: esta a frase do filme. Segue a deportação das mulheres, com o seu catálogo de horrores: a interminável coluna em marcha para Aleppo, a fome e as agressões, as meninas estupradas, os recém-nascidos obrigados a serem mortos pelas próprias mães, as rebeldes queimadas vivas, a angústia dos parentes distantes. Há por fim um sinal de arrependimento dos turcos (apesar de que ainda rejeitem oficialmente julgar o próprio passado): um soldado tenta no seu espaço resistir, salvar ao menos algumas vidas, mesmo se, terminada a guerra, será obrigado a se calar pelos outros oficiais. Um compromisso civil de primeiríssimo plano, portanto, está fora de discussão nesta obra sólida e interessante dos dois diretores.

ESTANTE LIVROS

Laura Badaracchi

Luigi di Liegro - *Profeta de caridade e justiça*

O livro conta a vida de Dom Liegro, sacerdote empenhado na Caritas italiana, sua paixão ilimitada pelo Evangelho e por aqueles que no Novo Testamento são chamados de «bem-aventurados»: os pobres em espírito, os mansos, os que têm fome e sede de justiça. Mais do que as lutas sociais, os gestos gritantes, as palavras decisivas do padre de Gaeta (romano de adoção), a Autora, L. Badaracchi, sonda seu mundo interior, as

motivações que o estimulavam continuamente a caminhar contra a corrente, a ser radical e livre.

Isto porque as sementes por ele semeadas tinham tido uma germinação lenta, trabalhosa e muitas vezes não foram acolhidas positivamente: basta lembrar a oposição dos Parioli - quarteirão romano rico - à abertura, na região, da casa família «Villa Glori», projetada em 1987 para acolher os doentes com Aids.

Há dez anos de sua morte, aquele padre que «sujava as mãos» fala ainda, mas não tanto pelos momentos comemorativos, pelas suas desencarnadas, raras palavras. Mas por aquele seu olhar que enxergava longe, apontando para o alto, junto com os gestos proféticos que tinham o sabor do Evangelho.

Um testemunho que representa um estímulo e um agulhão para cada fiel e um ponto de interrogação para todos.

Valério Albisetti

O belo da meia-idade

A meia-idade é sempre olhada com uma certa apreensão pelo tempo que passa e as novas realidades que se experimentam. As mudanças fisiológicas, psicológicas... É importante conhecer os mecanismos destas realidades para enfrentá-las com serenidade. Levar em conta que é diferente o modo de enfrentar tais mecanismos, seja da parte do homem que da mulher, é o que o Autor, psicólogo e psicoterapeuta, tem o cuidado de precisar numa reflexão que também considera os valores e as experiências novas desta idade.

Anna Maria Cànopi

Olhai para as minhas mãos - Lectio divina sobre os gestos de Jesus

Anna Maria Cànopi, abadessa da abadia beneditina «Mater Ecclesiae» na ilha de São Júlio (Novara), nos leva a interrogar de que modo nos falaram e continuam a nos falar, as mãos de Jesus.

Percorrendo novamente as páginas dos Evangelhos, esta *Lectio* nos faz contemplar em primeiro lugar as mãos do menino que nasceu de Maria e cresceu na humilde casa do carpinteiro, mãozinhas que se agarram ao seio materno e que brincam com os pedaços de madeira ou com as pedrinhas, junto com os meninos da vizinhança, em Nazaré.

E ei-lo aprendendo a profissão do pai José até a idade adulta: mãos de trabalhador.

E depois pelas estradas da Palestina, com os seus discípulos, o vemos com suas santas mãos sempre a serviço dos outros: mãos que rezam e bendizem, mãos que acariciam os pequenos e tocam os doentes para curá-los; mãos que sustentam e arrancam do sono da morte, mãos que lavam os pés dos discípulos, que partem o pão e o oferecem, mãos que escrevem nos corações o pacto da aliança; mãos que, depois de terem servido e tudo doado, deixam-se pregar na cruz.

E exatamente lá onde elas se tornam impotentes, a missão do Verbo Encarnado se cumpre.

Das feridas gloriosas daquelas mãos brotam rios de graça, eflúvios de luz.

LIVRO

Adriana Nepi
Luisito Bianchi

A Missa do homem desarmado

O autor (ainda vivo) é um sacerdote que fez da própria vida um sinal apaixonado e coerente da palavra evangélica: "Gratuitamente recebestes, gratuitamente deveis dar". O livro que apresentamos é todo penetrado, observando bem, por este ideal de gratuidade que constitui para ele, inspiração secreta. Falou-se dele como de um "caso literário": impresso em particular nos anos 80, foi recentemente publicado pela editora Sironi, suscitando apreciações entusiásticas. Trata-se de um romance que propriamente não o é, porque, mesmo não se apresentando como obra abertamente autobiográfica, é na verdade uma história real (povoam-na, entre outros, personagens que existiram na realidade), quase um diário interior ou, por assim dizer, uma história da alma.

Uma simples saga familiar, da qual é dado seguir o caminho por várias gerações de um certo período da história italiana, culmina num dos momentos daquela que poderíamos chamar a epopéia da Resistência se a palavra aqui não soasse enfática, tanto foi vivida com total gratuidade: entre outras figuras emblemáticas, está o guerrilheiro Stalino, herói involuntário que acumulará uma fortuna, no período crítico do pós-guerra, por ter conseguido um emprego seguro como guarda municipal, para manter a família. Dentro deste grande afresco, no qual se movimenta todo um pequeno mundo de humildes histórias, não se encontram personagens menores, porque cada qual vive sua inconfundível verdade. Sucede ao leitor, um pouco, aquilo que ocorre com os personagens manzonianos: tem-se a impressão de haver encontrado pessoas vivas que não se conseguirá esquecer e das quais, no final da não breve leitura, dever-se-á separar com uma certa tristeza. Como esquecer a família de Piero e Franco (os dois irmãos em que, parece, se reflete e se desdobra o itinerário interior do autor), o bom pai camponês que trabalha sabiamente em sintonia vigorosa com sua terra e Benedetta, vivamente representada no gesto que a caracteriza de modo tão simpático, o de enxugar no avental as mãos... já enxutas, encarnação encantadora do amor materno que "tudo compreende, tudo espera e de tudo se encarrega", com um acréscimo de sorridente indulgência. Toni com a sua Cecina e Giuliano com Rondine, os últimos a se tornarem pobres para não serem dominados, ainda jovens, pela prepotência fascista e que na sua ingênua fé socialista sonham um mundo de justiça e de fraternidade; o arcipreste e Dom Giuseppe, figuras tão sabiamente imaginadas, tão diferentes e complementares, tão concordes nas escolhas sugeridas pelo amor.

Uma quantidade de personagens gravita em torno daquele que é um pouco o centro ideal e simbólico do enredo: a grande cozinha da Campanella (a modesta fazenda de propriedade dos protagonistas), onde se desenrolam os apreciados rituais da cotidianidade e se vivem os momentos intensos e muitas vezes dramáticos das grandes decisões. A história é de fato ambientada numa paisagem rural da Baixa Lombardia, evocada com rara poesia: não é o simples pano de fundo do evento, mas invade tudo e ao mesmo tempo parece dar-lhe inspiração e significado. O respiro da terra, na mudança paciente das estações, é o respiro da própria vida no seu revelar-se cotidiano, na sua novidade inexaurível, no seu confrontar-se com a crueldade da história.

No episódio da guerrilha insere-se a presença de uma comunidade monástica que oferece ajuda e hospitalidade aos combatentes. É um monge o homem desarmado que dá título ao livro e parece sugerir-lhe uma chave de leitura. Pediu para compartilhar dissabores e perigos com os irmãos que, mesmo de diferentes condições sociais, lutam unidos por um ideal comum de liberdade e de justiça. É uma luta sagrada, mas como toda guerra pede derramamento de sangue, violência e sacrifício de vidas jovens. O homem que escolheu oferecer a sua presença fraterna, mas desarmada, é, não obstante, envolvido pela lógica terrível e inexorável da guerra. Diante da morte de Balilla, o jovem que protegeu arriscando a própria vida, Dom Benedetto por sua vez mata. E vive sua íntima e profunda tortura. Aproxima-se o Natal. Deixará, na noite de Natal, os seus homens privados da Missa? Ele se proibiu celebrar a Eucaristia, sacramento de paz, porque se manchou de sangue. A sua morte pelas mãos de um guarda republicano porá fim ao angustiante dilema: sacrifício esperado e desejado como apaziguadora resposta de misericórdia.

Terminada a guerra, a lembrança da resistência guerrilheira pressentida como vigília de uma era nova na qual triunfaria a paz e a paz seria de fato agilizada pela justiça, pesará dolorosamente na consciência de quem verá tantas esperanças pisoteadas e traídas.

Franco, que é o narrador do episódio todo, continua a sentir seu eco doloroso na própria alma. Mas durante uma solene celebração pascal, numa iluminação interior que perceberá como puro dom da graça, a memória dos mortos aparentemente tombados em vão, se lhe desvelará finalmente associada ao memorial do único Sacrifício, no qual encontram sentido e salvação o viver e o morrer dos homens.

A resistência, para muito além das contingências mutáveis da história, não será jamais outra coisa, no seu puro e alto significado, que fidelidade à Palavra, contra tudo o que tenderia a negá-la e a destruí-la: na total gratuidade do amor.

DIREITOS

MILHÕES DE CAMPONESES NÃO POSSUEM DIREITO ALGUM ASSEGURADO SOBRE A TERRA E SOBRE AS COISAS A ELA LIGADAS: ÁGUA, ÁRVORES, VIDA ANIMAL, TUDO O QUE SERVE PARA VIVER.

SEM PROPRIEDADE, OS CAMPONESES POBRES SÃO PRIVADOS DOS SERVIÇOS PÚBLICOS ESSENCIAIS COMO ESGOTO E ELETRICIDADE.

AS MULHERES CAMPONESAS PRODUZEM A METADE DOS ALIMENTOS DE TODO O PLANETA MAS POSSUEM APENAS DOIS POR CENTO DOS TERRENOS.

FAO-FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION

Aos cuidados de Mara Borsi

CAMILLA

Discernir

Discernir: que palavra difícil! Mas que, depois, quererá dizer: escolher! Talvez porque as coisas simples devam sempre se tornar difíceis! Separar para escolher. Faz-me lembrar os tempos em que minha mãe me fazia separar com a peneira a farinha do farelo! É certo que na minha vida precisei escolher e como! Na idade da minha primeira juventude precisei escolher: ou matrimônio ou consagração. Aqui não houve dúvidas: consagração, para uma vida dedicada aos jovens a 360º. Portanto entrei e comecei a ver tantos jovens nas nossas casas, pelos nossos corredores... depois, com o passar do tempo, somente pelas janelas. "Tu envelheceste" pensareis vós, e ao invés, é porque não havíamos percebido que às sete da noite os jovens iniciavam a jornada e nós, pelo contrário, a encerrávamos, fechando portas e janelas. Eis-nos, então, diante de uma outra escolha a ser feita. "Aqui é preciso refletir e pensar TODAS! – havia dito a minha diretora – cada uma dê a sua contribuição...!" E pensa e repensa, como boa FMA que quer ser protagonista neste mundo em mudança, finalmente chego a submeter o meu pensamento à diretora. Mas o Conselho da casa havia já decidido! Foi só questão de pouca tempestividade, tivesse sido eu mais rápida em propor...!

E a oração? Um outro ponto sobre o qual discernir. A oração com os jovens, para testemunhar e fazê-los viver um intenso momento de família e de espiritualidade! Dever-se-á modificar o modo, sem mudar a substância, os tempos sem reduzir-lhe a duração. Eis-me de novo discernindo e pensando. Desta vez, porém, não o Conselho da casa, mas toda a comunidade unânime já havia pensado no assunto e se pronuncia! "Vamos rezar todas juntas na hora de costume, com os jovens não será difícil adequar-se! Assim me foi dito num só coro. Oh sim! Que belos tempos aqueles em que todas rezavam juntas, em que se vivia a vocação num coro uníssono, todas de acordo, todas presentes à recreação todas ali... sobre o mesmo chão.

Que testemunho vocacional, de concórdia, de união em vista de um mesmo ideal!

Agora não, é tudo diferente! Compreende-se que para os jovens que se encontram neste tumulto de vozes, de idéias, é preciso saber acorrer como o *118*.. e uma irmã corre de cá porque há uma urgência, uma outra de lá porque há uma jovem que quer conversar; agora sim, que portas e janelas estão abertas em quase todas as horas. Somos de fato irmãs do Concílio... nós!

Em contínuo discernimento, em contínua reflexão... escolher... perceber... compreender...! Ah! E eu? Eu o que faço? O que escolho?

Bem, repensando tudo isso, quando eu era jovem, minha mãe tomava conta de mim e escolhia sempre o que era mais oportuno para a minha vida! Depois foi a diretora que, como boa mãe e irmã, me sugeria o que era melhor para a minha vida religiosa, para o meu bem... tirando-me o incômodo de fazê-lo! E assim me liberei do vício de escolher. E agora no colóquio pessoal que é um confronto, eu quase não sei o que dizer, gostaria que fosse a minha diretora que me sugerisse alguma coisa.

Agora escolhe-se no diálogo!

É certo que ser pessoas de discernimento, responsáveis, de critério, com capacidade crítica, de bom senso é um belo desafio para uma franja da sociedade que nos quereria mudas e vulgares e é um maravilhoso testemunho de mulheres que por este mundo afora ainda dão o que fazer! Façamos o discernimento irmãs... façamos o discernimento!

Camilla.dma@gmail.com

FOTO CLICK

Concurso fotográfico para os jovens

Para expressar-se por meio da fotografia e da escrita sobre temáticas da *vida* e da *felicidade*, da *amizade*, dos *direitos humanos*.

Colocamos em seguida o regulamento ao qual ater-se para participar do concurso.

Para qualquer ulterior informação você pode escrever para o endereço

dmanews1@cgfma.org

Regulamento:

1. Fotos coloridas
2. As fotos digitais devem ser em formato JPEG de ao menos 2 mega pixel
3. Se se envia em formato para imprimir, basta que sejam 13x18.
4. Cada participante pode enviar no máximo 5 fotos.
5. Cada foto deve ter um título e deve ser acompanhada por um testemunho (diário)
6. As temáticas escolhidas para o concurso são: o milagre da vida e a felicidade; a amizade, os direitos humanos.
7. Podem participar do concurso todos os jovens de 16 e 25 anos de idade.
8. As fotos podem ter um só autor (com a indicação do nome, sobrenome, idade, lugar de proveniência, comunidade fma de referência) ou podem ser expressão da criatividade de um grupo (com os nomes, a idade e o lugar de proveniência de cada integrante do grupo e a comunidade fma de referência).
9. As fotos deverão chegar até 30 de novembro.
10. As fotos mais belas serão publicadas na revista, na seção *foto clik* e em cada número serão publicadas pelo menos 3 ou 4 fotos. Entre estas, no final do ano 2008, serão escolhidas as três mais belas em absoluto.
11. As outras serão inseridas numa seção apropriada do site e utilizadas noutras ocasiões, sempre pela revista.
12. As fotos serão julgadas por um júri de especialistas, que escolherá quais publicar na revista, enquanto a proclamação final do vencedor/vencedora acontecerá por meio do voto que poderá ser expresso no site do Instituto www.cgfmanet.org na sessão *Espaço jovem*.
13. As fotos deverão ser enviadas ao seguinte endereço: dmanews1@cgfma.org inserindo no objeto FOTO CLIK DMA.